

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE FILOSOFIA**

SUELI ANTONIA BERTOTI DIAS

**FILOSOFIA COMO FORMA DE CONHECIMENTOS PARA ALÉM DA ESCOLA: os
desafios de ser professor de filosofia no contexto atual**

**São Leopoldo
2018**

SUELI ANTONIA BERTOTI DIAS

**FILOSOFIA COMO FORMA DE CONHECIMENTOS PARA ALÉM DA ESCOLA: os
desafios de ser professor de filosofia no contexto atual**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Graduado/Bacharel/
Licenciado em Filosofia pelo Curso de
Humanas da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Prof. Me. Clovis Vitor Gedrat

São Leopoldo

2018

Em memória da mulher mais forte, guerreira e corajosa que já conheci: minha mãe,
pois sem ela nada disso seria possível. Ela me ensinou a sonhar e acreditar em dias
melhores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me dar forças, serenidade e coragem para não desistir nos momentos difíceis que passei. Agradeço à minha mãe por ter me educado com coragem. Apesar de educar os doze filhos iguais, eu fui a única a ter coragem o suficiente para enfrentar os desafios da falta de dinheiro e principalmente do cansaço depois de um dia cansativo de trabalho, pegar o ônibus e ir para a aula. E principalmente, por me dar coragem de fazer uma faculdade tendo apenas pequena parte dos conhecimentos necessários para isso; afinal depois de 18 anos sem estudar, poder concluir o ensino fundamental aos 30 anos através do (EJA) Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Médio numa prova do (ENCEJA) Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos não é exatamente obter conhecimentos para enfrentar os desafios de uma faculdade. Mas eu enfrentei e estou aqui hoje, mesmo parecendo impossível, estou a concluir este sonho que um dia usei sonhar. Também agradeço aos meus filhos, Álan e Angélica por aguentar minhas ausências e impaciências quando precisava estudar, mas principalmente, agradeço à Angélica (meu anjo), minha menina estudiosa, carinhosa e de uma alegria contagiante, pois foi graças a ela que sempre acreditou em mim e me incentivou a estudar que cheguei até aqui. Agradeço, pois, ela sempre esteve ao meu lado, mesmo quando não podia estar presente fisicamente, nunca deixou de me auxiliar nos momentos difíceis e de dúvidas acadêmicas. Agradeço as minhas irmãs, sobrinhas e amigas(os) que estiveram ao meu lado durante esta caminhada. Agradeço meu orientador Clóvis Vitor Gedrat por acreditar em mim e me auxiliar nos momentos decisivos. Por fim, agradeço a todos os professores do EJA e da Unisinos, pois sem eles nada disso seria possível. Agradeço ao meu companheiro Hamilton Alves por estar presente em minha vida, me ajudando sempre, seja trazendo um chazinho, uma pipoca ou ditando alguma citação de um livro para agilizar meu trabalho. Sem a ajuda dele tudo seria mais difícil.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida,
é a própria vida”.
(DEWEY, 1959).

RESUMO

A filosofia como forma de conhecimento para além da escola e os desafios de ser professor de filosofia no contexto atual foram temas escolhidos para esta monografia, pois são assuntos poucos discutidos e de relevante importância, tanto para os atuais quanto para os futuros professores, ou para qualquer ser que se proponha a refletir sobre a vida. Foi especialmente pensando sobre isso que a presente pesquisa se desenvolveu. Durante muito tempo ouve-se dizer entre alunos da educação básica e público geral que a filosofia é perda de tempo e que estudar filosofia não nos leva a lugar algum. Pois bem, tendo este tema em mente, a presente tese é uma tentativa de provar que esta não é a verdade sobre a filosofia. Para isso foram feitas entrevistas com pessoas que não estudam filosofia, um questionário com estudantes de filosofia, além de revisão bibliográfica. A presente tese procura entender qual a importância do PIBID para o ensino deste tema nas escolas e como o filósofo John Dewey se relaciona com esses temas. Para tanto, o estudo é guiado através dos escritos do filósofo John Dewey, nos quais demonstra grande conhecimento na área da filosofia, da educação, psicologia, sociologia e da política.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. PIBID. Escola. Professores.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 FILOSOFIA: UM CONHECIMENTO PARA A VIDA	9
1.1 O que o senso comum diz sobre a filosofia?	11
2 JOHN DEWEY	15
2.1 Biografia.....	15
2.2 Obra	18
2.3 Pensamento	20
2.4 A Educação Filosófica	23
3 O PIBID	26
3.1 Características do Programa.....	27
3.1.1 Dos Deveres dos Bolsistas de Iniciação à Docência.....	28
3.1.2 As Leis.....	28
3.1.3 A Implantação	28
3.3 A Importância da Formação	29
4 OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR DE FILOSOFIA NO CONTEXTO ATUAL	31
4.1 A importância do PIBID na formação dos novos professores na visão dos mesmos.....	33
5. PARA ENTENDER A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA FAZ-SE NECESSÁRIO CONHECER O CONTEXTO HISTÓRICO DA MESMA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	39
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	55
ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

Os temas escolhidos para esta monografia são assuntos pouco discutidos e de grande relevância, tanto para os atuais e futuros professores quanto para qualquer pessoa disposta a refletir sobre a vida. Foi especialmente pensando nisso que, decidiu-se por dedicar esta pesquisa a tais assuntos.

Durante muito tempo e até os dias de hoje ouve-se dizer entre alunos, principalmente do ensino médio, e público geral que a filosofia não serve para nada, que a filosofia é perda de tempo e que estudá-la não leva a lugar algum. Foi tentando compreender os diferentes sentidos acerca do ensino da filosofia que o presente trabalho foi escrito, como uma tentativa de provar que esta não é a verdade sobre a filosofia. E para tanto, o estudo é guiado através dos escritos do filósofo John Dewey, nos quais demonstra grande conhecimento na área da filosofia, da educação, psicologia, sociologia e da política.

O trabalho apresenta ainda um breve resumo sobre vida e obra do filósofo John Dewey a respeito da filosofia. O autor foi escolhido para esta pesquisa, porque além de ser um filósofo e educador, também é considerado como referência no campo da educação moderna. Dewey era comprometido com as causas políticas e sociais. Ele procurou chamar a atenção para a capacidade de pensamento dos alunos. Acreditava que o sucesso da educação se dava através das pessoas se comunicando e trocando ideias e experiências sobre as situações práticas do dia a dia. Dewey aponta a filosofia prática docente baseada na liberdade do aluno. A filosofia deweyana remete a uma prática docente baseada na liberdade do aluno para desenvolver as próprias convicções, suas próprias competências e suas regras morais. Essa maneira de Dewey pensar a nova educação, propõe a educação filosófica como fonte de conhecimento para vida e uma educação para além da escola.

Admito, com alegria, que a nova educação é mais simples do que a tradicional. Está em harmonia com os princípios do crescimento, é algo natural, enquanto na organização tradicional há muito de artificial na seleção e arranjo das matérias, e toda artificialidade leva a complexidades desnecessárias. (DEWEY, 1976, p.19).

É sabido que a filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, também não é um sistema acabado ou fechado em si mesmo. A filosofia é uma forma de pensar e é também uma postura diante do mundo.

A filosofia não consiste numa ciência e nem principalmente no conhecimento, mas na apologia ou justificação de valores ou ideais sociais, objeto de crenças e aspirações humanas. Desde a origem a filosofia não foi disciplina intelectual, mas ideologia social e emocional. (PITOMBO, 1974. p.41).

Na verdade, ela é um meio de observar a realidade que procura pensar os acontecimentos além da sua aparência atual. Ela pode pensar sobre qualquer objeto: pode pensar sobre a ciência, seus valores, pode pensar sobre a religião, a arte; e o próprio homem, em sua vida cotidiana. Portanto, pensar que a Filosofia não serve para nada, é um grande erro.

Pensando nessas questões, foi elaborada entrevistas com pessoas que não estudam filosofia, um questionário e conversas com estudantes de graduação em filosofia (licenciatura) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Do mesmo modo, este estudo traz um recorte acerca do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é uma oportunidade para levar uma moderna mentalidade para dentro da escola com professores atualizados e preparados para atuar no contexto atual, do qual os estudantes de filosofia entrevistados participam ou participaram.

1 FILOSOFIA: UM CONHECIMENTO PARA A VIDA

É sabido que a filosofia não é um conjunto de conhecimentos prontos, bem como não é um sistema acabado ou fechado em si mesmo. A filosofia é uma forma de pensar e é também uma postura diante do mundo. Na verdade, ela é um meio de observar a realidade que procura pensar os acontecimentos além da sua aparência atual. Ela pode pensar sobre qualquer coisa: pode pensar sobre a ciência, seus valores, pode pensar sobre a religião, sobre a arte e o próprio homem, em sua vida cotidiana.

Se quisermos conceber a educação como o processo de formar disposições fundamentais, intelectuais e emocionais, com respeito à Natureza e aos homens, a Filosofia pode ainda ser definida como teoria geral da educação (DEWEY, 1960, p.211).

Segundo as entrevistas elaboradas, a filosofia é vista pelos jovens de hoje como algo abstrato e de difícil entendimento. Para eles, a filosofia é um ramo do conhecimento que exige um senso perceptivo apurado e muita paciência, sendo até mesmo muito cansativa.

Mas ao contrário do que muita gente pensa, o pensamento filosófico não é algo complicado e capaz de ser entendido apenas pelos mais “inteligentes e experientes”. Na verdade, desde a Antiguidade, quando a filosofia surgiu na Grécia Antiga, já se discutiam os temas estudados pelos filósofos atualmente, que são os mais comuns e fundamentais até hoje, como o conhecimento, a vida, a morte, o bem, o mal, a ética, o direito, a fé, a razão, a liberdade e a felicidade.

Desde a invenção da palavra “filosofia”, por Pitágoras, temos diversos problemas filosóficos e diversas respostas a cada um deles. Para os pré-socráticos: a *physis* (natureza); para a Filosofia Antiga: a atividade política, técnicas e a ética do homem; para a Filosofia Medieval, o conflito entre fé e razão, os Universais, a existência de Deus, a conciliação entre Presciência divino e Livre-arbítrio; para a Filosofia Moderna, o empirismo e o racionalismo, para a Filosofia Contemporânea, diversos problemas a respeito da existência, da linguagem, da arte, da ciência, entre outros.

A filosofia possui uma ampla gama de correntes e pensamentos. Como exemplos temos: A filosofia cristã, política, ontológica, cosmológica, ética, empírica, metafísica, epistemológica, etc. Tais pensamentos são fundamentais para a existência humana.

Segundo Dewey (1959, p. 56), “A tarefa da Filosofia constitui, pois, em justificar, à base de motivos racionais, o espírito, que não a forma, das crenças e dos costumes tradicionais aceites”.

Portanto, pensar que a Filosofia não serve para nada, é um grande erro e esta pesquisa pretende mostrar a importância desta área de conhecimento na formação do cidadão para o mundo, levando em consideração alguns dos temas de grande relevância da filosofia, como a existência e a mente humana, o saber, a verdade, os valores morais, a linguagem, etc. Temas estes a partir dos quais, por meio de argumentos lógicos-rationais, a filosofia busca compreender o pensamento humano e os conhecimentos desenvolvidos pelas sociedades. Todos estes temas são de grande importância na vida de todos.

É, portanto, um filósofo aquele que reflete sobre essas questões e busca o conhecimento através da filosofia.

A reflexão não é simplesmente uma sequência, mas uma consequência-uma ordem de tal modo consecutiva que cada ideia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo, apoia-se na antecessora ou a esta se refere (DEWEY, 1959, p.14).

A filosofia contribui para despertar este olhar reflexivo dos alunos, tornando-os seres mais atentos aos acontecimentos ao seu redor, fazendo com que eles reflitam sobre tudo com um olhar mais crítico e interessado, principalmente em relação aos assuntos que antes passavam despercebidos.

Com os conhecimentos filosóficos adquiridos na escola os discentes são orientados para uma educação além daquilo que eles aprenderam nas aulas, tornando-os mais qualificados para enfrentar a vida em sociedade. Os alunos que adquirem conhecimentos filosóficos vão ser mais bem preparados para enfrentar uma entrevista de emprego do que aqueles que não estudaram filosofia, por exemplo. Porque a filosofia proporciona aos docentes uma liberdade de expressão para argumentar e se posicionar perante o mundo e as questões gerais, que as outras disciplinas não proporcionam. Portanto, educação filosófica não somente é um

processo social, como também é desenvolvimento para uma vida fora da escola. Porque,

Á filosofia arrogou-se a missão de demonstrar a existência de uma realidade transcendente, absoluta ou profunda, bem como a de revelar ao homem a natureza e os predicados característicos desta última e suprema realidade (DEWEY, 1959, p. 59).

Dewey via a educação filosófica como algo transcendente, algo de teor elevado em relação às ideias ou aos conhecimentos comuns, conseqüentemente, para ele uma educação filosófica nos moldes da nova educação indicaria aos estudantes uma visão que transcendesse ao senso comum, com isso a juventude sairia da escola num processo de contínua evolução intelectualmente para enfrentar os desafios de uma educação para vida, já que Dewey via a educação como um processo social em desenvolvimento. Na concepção dele, os jovens precisam sair da escola sabendo que não estão saindo preparados para a vida, mas estão rumando para um futuro onde a vida está em constantes transformação e evolução da própria vida. Segundo Dewey: “Educação como crescimento ou conquista da maturidade deve ser um processo contínuo e sempre presente”. (1976, p.44).

1.1 O que o senso comum diz sobre a filosofia?

É comum ouvir estudantes de filosofia, principalmente, aqueles que fazem licenciatura, dizendo que ouvem muito a pergunta “para que filosofia?”. Eles dizem que escutam especialmente de amigos e familiares. Para essas pessoas, estudar filosofia não é interessante, pois ninguém ganha dinheiro com filosofia.

Nos relatos obtidos em conversas com alunos da UNISINOS, eles dizem que são questionados a respeito da escolha do curso, e as respostas dadas por eles vão ao encontro dos motivos que os levaram a estudar a disciplina. Sendo que cada um tem seus motivos para estudar, mas todos têm algo em comum, que é a curiosidade, a paixão e a necessidade pelo saber. Além, é claro, da vontade de poder lecionar, passando estas premissas a outras pessoas.

Outra forma que os universitários têm de explicar para essas pessoas o porquê de escolherem filosofia, é fazendo outras perguntas do tipo. “Qual curso você é formado ou está te formando? E você não teve que estudar uma ou mais

disciplinas de filosofia na sua formação? Em algum momento do curso, você não estudou sobre algum filósofo?” Nestes casos, as respostas são sempre afirmativas, pois em algum momento da vida foi estudado filosofia ou foi citado algum filósofo para embasar alguma citação do professor, seja no ensino médio, no curso técnico ou superior. Neste momento a pessoa questionada do porquê estudar filosofia, relaciona o aprendizado de todos com a importância que a filosofia representa na formação acadêmica de qualquer profissão. E certamente quando colocado assim, o interlocutor percebe a magnitude que a filosofia traz para sua formação acadêmica e pessoal.

O estudante de filosofia, quando questionado sobre o porquê de estudar filosofia faz com que seu interlocutor entenda que a filosofia é importante porque ela nos faz ver a vida como ela é verdadeiramente, sem camuflagem, a filosofia é a luz que esclarece nossas dúvidas. Filosofia é uma palavra grega que significa "amor à sabedoria" ou "amizade pelo saber" e consiste no estudo de problemas fundamentais relacionados à existência, ao conhecimento, à verdade, aos valores morais e estéticos, à mente e à linguagem. A filosofia foca em questões da existência humana e o filósofo é aquele que busca o conhecimento de si mesmo, movido pela curiosidade e sobre os fundamentos da realidade. Neste momento, portando, o estudante faz seu papel de filósofo, convencendo o outro de que sua escolha é uma escolha inteligente e imprescindível.

Se quisermos conceber a educação como processo de formar disposições fundamentais, intelectuais e emocionais, com respeito à Natureza e aos homens, a Filosofia pode ainda ser definida como a teoria geral da educação (DEWEY, 1960, p.211).

Pessoas que estudam filosofia são pessoas curiosas, que duvidavam de tudo o que ouvem e estão sempre querendo saber mais sobre tudo, elas nunca se contentam com respostas prontas.

A filosofia ensina a perguntar o que, como e o porquê das coisas. É através dos conhecimentos filosóficos que somos capazes de sanar nossas dúvidas e ver claramente o mundo que nos rodeia. A atitude filosófica torna as pessoas que a estudam capazes de não aceitar como óbvios e evidentes os fatos, as ideias, os valores ou situações atuais, ela nos permite questionar os porquês de tudo. Por isso que se estuda filosofia em todas as áreas do saber, pois a ela é de vital importância

para uma vida em sociedade para muito além da escola. A filosofia permite pensar e questionar com mais liberdade intelectual.

Depois de expor todas essas razões para estudar Filosofia as pessoas querem saber mais sobre ela, então o estudante fica ali por horas filosofando, e segundo, Dewey, “A única liberdade de importância duradoura é a liberdade de inteligência, isto é, liberdade de observação e de julgamento com respeito a propósito intrinsecamente válidos e significativos” (1976, p.59). Quando se dá por conta já se passou muito tempo em companhia do outro que até então não havia percebido que estavam filosofando e o quanto era bom fazer isso. Normalmente quando as pessoas percebem isso, também ficam encantadas, porque até o momento elas não tinham ideia de que uma simples conversa, poderia ser filosofar. O aluno questionado fica ainda mais encantado, porque conseguiu transmitir o seu amor pela filosofia através de uma simples conversa porque a filosofia é o combustível necessário para o conhecimento. E o dever do filósofo, entre outros, é desfazer as más impressões que o senso comum tem da filosofia.

E o que as pessoas que não estudam Filosofia pensam a seu respeito?

Para saber o que essas pessoas pensam, foi feito algumas entrevistas com sujeitos, que não estudam filosofia, como vizinhos, parentes e ex-alunos do ensino médio. Suas respostas são bem pejorativas e diretas.

JP, acredita que a filosofia não serve para nada, porque, ele não consegue ver uma utilidade prática na filosofia. Assim como JP, muitos pensam que um filósofo é aquele homem que fica parado contemplando o céu e a natureza, sem nenhuma utilidade concreta.

VM disse que filosofia além de não dar dinheiro deixa os estudantes desorientados, para ele quem estuda muito filosofia, como para ser professor ou doutor, pensam tanto que acabam ficando com problemas mentais e por isso não trabalham, apenas contemplam a vida e vivem de favores.

MA pensava que a filosofia, não deveria ser uma boa coisa, pois todos os professores de filosofia que ele conhecia eram malucos. Na opinião ou visão dele o professor de filosofia levava a vida sem preocupações, sem maldades e nem avaliavam os trabalhos, apenas iam lá conversavam e decidiam passar todo mundo. Que a filosofia era apenas uma exigência dos governos para manter um número de disciplinas no currículo e pronto, nada de muito útil, apenas uma forma de empregar essa gente “maluca”.

L F. simplesmente não entendia o sentido da filosofia na educação, para ele não era claro a utilidade que ela tinha na vida dos estudantes, chegou a usar a expressão que filosofia na escola era uma forma de “encher

linguiça”, como se fosse apenas mais um professor para fechar a carga horária do currículo.

Para quem estuda filosofia essas entrevistas são bem chocantes, pois quem escolhe estudar filosofia sabe o quanto ela é importante na formação intelectual do sujeito. É quase inconcebível aceitar que em pleno século XXI ainda existem pessoas pensando desta forma. Mas infelizmente ainda existe e não são poucos. Talvez por isso se faz necessário uma maior formação de filósofos e principalmente se faz necessário uma educação filosófica de qualidade, pensando na futura geração de estudantes.

2 JOHN DEWEY

John Dewey é reconhecido mundialmente na área da filosofia e da pedagogia, principalmente por pensar uma educação na base da experiência, também conhecido por elaborar o método do pragmatismo, no qual ele acreditava que o conhecimento deveria ser aprendido na prática de atividades cotidianas, unindo a vida escolar com a vida social. Dewey teve uma carreira dedicada à educação e a seu método de ensino, no qual ele queria demonstrar que a educação era uma necessidade da vida social. Para ele,

A vida social, pois, não somente exige, para se perpetuar, esse ensinar e aprender que constituem a educação, como o seu próprio modo de essência, consiste em ensinar e aprender. É a permanente circulação de reações e de experiências e de conhecimentos que forma a vida em comum dos homens, e que lhes permite a perpétua renovação de suas existências, por uma perpétua reeducação (DEWEY, 1959, p. 12).

Segundo Dewey, a vida exige uma constante renovação de experiências e isso se dá, sem sombra de dúvida através da educação, na qual os indivíduos vão se encaixando no contexto social.

2.1 Biografia

John Dewey nasceu em Burlington em 1859, filho de Archibald Dewey, descendente de fazendeiros da Nova Inglaterra, mas dedicado ao comércio e Lucina Rich vinte anos mais nova, filha de família conceituada na vida política e cultural, pois o avô pertencera ao Congresso de Washington, o pai foi juiz e todos os irmãos frequentaram a universidade.

É certo que o ambiente simples de sua infância e juventude exerceu grande influência em sua teoria educacional.

Via quase a totalidade de seus companheiros assumir parte das atividades e responsabilidades domésticas e exercer ocupações simples na indústria e agricultura, como em geral ocorre nos pequenos povoados". A consciência de que a maior parte de sua educação, até entrar na Universidade, tinha sido realizada fora da escola, veio a influir na sua doutrina pedagógica, na qual dá maior importância, tanto na teoria como na prática ao "aprender fazendo", que julgava ser o método mais próximo da verdadeira aprendizagem e disciplina do conhecimento do indivíduo (PITOMBO, 1974, p. 17).

Graduou-se no ginásio aos 15 anos, e em 1879 diplomou-se, na universidade de Vermont. No último ano em Vermont conheceu o celebre professor Torrey, que dava aulas de Psicologia, Ética, Filosofia e Religião e o presidente Buckham que lecionava Economia Política, Direito Internacional e História da Civilização. No início, Torrey foi de grande influência para Dewey e através dele acabou sendo influenciando também por Kant, tanto que sua tese de doutorado realizado na Universidade de Johns Hopkins, em 1882, foi sobre a psicologia de Kant (PITOMBO, 1974).

Neste período a Universidade de Johns Hopkins estava selecionando os melhores alunos e professores para mandar diplomados à Alemanha a fim de prepara-los para o magistério superior. E este período ficou conhecido como uma nova época no ensino superior americano (PITOMBO, 1974).

Surgia nova cultura, num ambiente novo; o período dos pioneiros havia passado; depois da guerra civil entrara-se na era da industrialização e do comércio, circunstâncias sociais que determinariam profundamente o pensamento deweyano, como marcam a nova orientação do ensino. (PITOMBO, 1974, p. 21).

De acordo com Pitombo (1974), o presidente da instituição, Gilman, salientava a importância de novas experiências nas pesquisas e isso incentivava Dewey nos seus sonhos por uma nova educação. Mas ao mesmo tempo que incentivava os alunos a buscar novas experiências, ele desencorajava Dewey a não fazer o mesmo na filosofia, talvez por não ser inclinado para a mesma e, apesar de advertir Dewey sobre sua tendência ao isolamento e leitura de muitos livros, também o ajudou a ir para a Europa continuar seus estudos. No entanto, essa advertência ajudou Dewey aprimorar-se e encontrar um rumo para a sua filosofia, que a partir daí ganhou um cunho social e da doutrina da aprendizagem na base de observação e experimentação dos fatos. Em Hopkins, Dewey teve aulas com grandes mestres, como George Sylvester Morris, Stanley Hall, mas para Morris foi quem marcou mais sua visão filosófica, principalmente por seu posicionamento nas questões do ser, pois vinham ao encontro do que o perturbavam muito. Tanto que ele escreveu uma carta ao seu antigo mestre Torrey, relatando as impressões que tivera de Morris. Na carta ele relata as impressões acerca de um artigo de Morris sobre filosofia e seus problemas próprios:

Ele [Morris] diz que o idealismo (o idealismo substancial, por oposição ao idealismo subjetivo ou ao agnosticismo) é a única filosofia positiva que existiu e pode existir. Toda sua posição está lá, se eu a compreendi bem. Podem-se tornar dois pontos de partida- um considera o sujeito e o objeto como estando em relação mecânica no espaço e no tempo, sendo o processo do conhecimento simplesmente a marca do objeto sobre o sujeito, resultando em sensação ou impressão. É a posição como ciência de conhecer. Como ciência do ser, já que nada existe para o sujeito, salvo estas impressões ou estados, nada pode ser conhecido do ser real e o resultado é o ceticismo ou idealismo subjetivo e agnosticismo. O outro ponto de partida, em lugar de começar de um pressuposto concernente ao sujeito e ao objeto e sua relação, toma os fatos e tenta explicá-los, isto é, mostra o que é necessariamente implicado no conhecimento e conclui que o sujeito e objeto estão em relação orgânica, nenhum deles tendo realidade sem o outro. O ser está na consciência. E o resultado, do ponto de vista da ciência do ser, é o idealismo substancial- ciência por oposição a não ciência. Conhecer é se conhecer, e toda consciência é condicionada pelo conhecimento de si. (DEWEY apud PITOMBA, 1974. p. 23).

Como lembra (PITOMBO, 1974). Desde o começo de sua formação Dewey já se preocupava com a ciência do ser e a relação do sujeito e objeto, por isso este artigo supracitado do professor que ele leu e o próprio professor Morris lhe chamaram tanto atenção.

Depois de ter se tornado doutor em Hopkins, no ano de 1884, foi professor secundário por três anos e professor de filosofia na Universidade de Michigan onde permaneceu por dez anos.

Em 1894 transferiu-se para Universidade de Chicago, onde teve a oportunidade de ver de perto os problemas sociais e econômicos causados pelo progresso tecnológico e o aumento de imigrantes. Neste período teve contato direto com operários, sindicatos e políticos de diferentes orientações.

Durante sua passagem pela universidade de Chicago, Dewey que sempre esteve preocupado com problemas filosóficos, reuniu um grupo e, coletivamente, criaram e publicaram em 1903 uma obra intitulada *Teoria da Lógica*, na qual se encontram trabalhos de todos os membros do grupo.

Também nesta mesma universidade, “em 1896, fundou a Escola-Laboratório, celebre escola experimental, mais conhecida como escola Dewey” (PITOMBO, 1974, p. 32). A partir do trabalho na escola, que dirigiu e se dedicou incansavelmente, Dewey se tornou um dos maiores nomes da pedagogia mundial, sendo reconhecido como um dos fundadores da escola filosófica do pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressista norte-americana durante a primeira metade do século XX.

Em 1904, Dewey teve problemas com a universidade em relação a escola experimental, e decidiu deixar Chicago, transferindo-se para Colúmbia.

Em Colúmbia, Nova York, Dewey já era “um educador reputado em todo país e o período seguinte de sua vida seria marcado pela difusão internacional de suas ideias pedagógicas” (DEWEY, 1980. p.VI). Nestes períodos alunos do mundo inteiro dirigiam-se a Teachers College da Universidade de Colúmbia para conhecer seus métodos pedagógicos. Dewey também viajou por diversos países difundindo sua pedagogia através de cursos e conferências, inclusive em Tóquio, Pequim, México, Rússia e Turquia. De acordo com Mariconda,

Em 1930, Dewey deixou a universidade de Colúmbia. Continuou, porém, trabalhando intensamente, sobretudo na redação de inúmeros escritos. Ao lado da atividade teórica, manteve intensa vida pública, defendendo as causas progressistas. Em 1937, presidiu a comissão pública que deveria investigar a veracidade das acusações contra o líder comunista LeonTrotisky, concluindo por sua inocência. Em 1941, já com 82 anos de idade, revolta-se contra a proibição de Bertrand Russell lecionar no City College de Nova York. (DEWEY, 1980a, p.VI).

Dewey foi um pensador que muito produziu e contribuiu na área social e educacional.

2.2 Obra

Os livros do filósofo e pedagogo John Dewey serviram de influência para muitos brasileiros, principalmente para os representantes da Escola Nova, um movimento de renovação do ensino que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil na primeira metade do século XX. Esse movimento por uma escola ativa, progressista, teve e ainda tem muitos estudiosos interessados. Talvez seja porque suas obras refletem o pensamento e entusiasmo do autor em relação a pedagogia e métodos de ensino. Assim como podemos observar na obra *Como Pensamos*. Este livro é uma obra filosófica a respeito do modo como pensamos, como podemos ensinar a pensar, o que é a lógica do pensamento e como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo.

Outra obra de imenso valor para a educação é *Democracia e Educação: introdução à filosofia da educação*. Neste livro Dewey voltou-se para a uma reflexão crítica do presente que viabilizasse a construção de um mundo menos marcado pela opressão e por diferenças sociais. A obra é um esforço para penetrar e definir as

ideias implícitas em uma sociedade democrática e para aplicá-las aos problemas da educação, da filosofia e da ordem social, que, constituem um todo indissociável.

Na obra *Reconstrução em filosofia*, Dewey examina os fundamentos do pensamento filosófico, revisando as bases históricas, científicas e as novas concepções de experiência e da razão, conceitos morais e sociais dos últimos tempos, a fim de fixar num todo coerente, os traços da Filosofia que os fatos e as ideias sugeriram ao cabo da subversão que foi a primeira Grande Guerra Mundial.

Outra obra que chama atenção é *Experiência e Educação*, no qual oferece a educadores e professores uma filosofia da educação positiva, avaliando as práticas tanto das escolas tradicionais como das progressivas e expondo os defeitos de cada uma delas. Dewey, ao considerar as questões educacionais atuais, interpreta o significado de uma filosofia da experiência e as implicações educacionais do método científico. Uma situação de ensino é descrita e concretamente ilustrada. Os significados de liberdade, atividades, disciplina, controle e organização de matérias curriculares são aqui expostos a partir do contexto da experiência educativa como um processo que implica tanto continuidade como interação.

Em *Experiência e natureza* Dewey explora os conceitos de “experiência” e “natureza” relacionados entre si em a partir da vida do ser humano e, principalmente, quanto ao seu aspecto cognitivo. Para ele, a experiência é o ponto de partida e o método para lidarmos com a natureza.

A cronologia a seguir apresenta um resumo da vida e obras de John Dewey no panorama da história Mundial.

Tabela 1. Fatos da vida de John Dewey

Ano	Fato
1859	Nasce John Dewey, em Burlington, a 20 de outubro
1884	Dewey leciona na Universidade de Michigan, onde permanece até 1884. Neste período edita um seminário socialista, <i>Thought News</i> .
1894	Dewey torna-se chefe do departamento de psicologia, pedagogia e filosofia da Universidade de Chicago
1896	Cria a Escola-Laboratório, primeira instituição de pedagogia experimental da história
1899	Publica <i>Escola e a Sociedade</i>

1904	Passa a trabalhar na Universidade de Colúmbia, onde permanecerá até 1930. Em Colúmbia começa a colaborar na revista <i>The Journal of Philosophy</i>
1914	O assassinio do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando desencadeia a Primeira Guerra Mundial
1916	Dewey publica <i>Democracia e Educação</i>
1918	Fim da Primeira Guerra Mundial
1919	Dewey pronuncia conferências sobre educação e filosofia em Pequim
1920	Edita-se a <i>Reconstrução em Filosofia</i> , de John Dewey
1925	Dewey publica <i>Experiência e Natureza</i>
1929	A bolsa de Nova York registra violento declínio nas cotações: é o início da grande crise econômica americana e mundial
1937	Dewey preside a comissão de investigação das acusações contra Trotsky
1940	Publicam-se os <i>Problemas dos Homens e Lógica, a teoria da Investigação</i> , de Dewey
1941	Dewey defende a liberdade universitária, quando Russell é impedido de lecionar em Nova York
1952	Dewey falece.

2.3 Pensamento

A fim de compreender o pensamento e as influências que John Dewey exerceu sobre a educação mundial, faz-se necessário também compreender quem o influenciou. Visto que todo pensamento surge de alguém ou de algum lugar. E de acordo com Souza e Martineli (2009), Dewey teve, sim, algumas influências para desenvolver sua filosofia da educação experimentalista e pragmática, pois segundo eles,

O pensamento de John Dewey está caracterizado pelo significativo avanço das ciências no século XIX. Destacamos a biologia e as teses evolucionistas de Charles Darwin (1809-1882), a sociologia de Augusto Comte (1798-1857), Max Weber (1864-1920), Émile Durkheim (1858-1917) e Karl Marx (1818-1883), enfatizando o aspecto social como problema científico e o surgimento da psicologia com Wilhelm Wundt (1832-1920), em particular da abordagem funcionalista de William James (1842-1910), surgida nas Universidades de Chicago e Columbia. A sociologia de Karl

Marx não foi uma influência direta sobre Dewey, apesar disso, é possível uma aproximação entre os dois autores pela crítica ao capitalismo e a rejeição da sociedade dividida em classes. Dewey segue uma perspectiva de reforma do liberalismo e do próprio capitalismo, já Marx quer uma transformação radical da sociedade pela superação do modo de produção capitalista. Uma pesquisa mais específica poderia tratar desse assunto. Temos assim, três fundamentos significativos para o pensamento Dewey: a biologia, a sociologia e a psicologia, a partir das abordagens já mencionadas. A filosofia deweyana alcançará uma originalidade própria, a partir da conjugação desses elementos. (SOUZA e MARTINELLI, 2009, p.3).

John Dewey acreditava que a ideia básica sobre educação estava centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno. Para o autor, a educação tradicional não proporcionava essa capacidade, por isso uma nova educação deveria ser pensada, uma vez que acreditava na existência de uma miscelânea de informações acumuladas e mal digeridas, no modelo educacional vigente focado apenas no treino de habilidades para o mundo do comércio e dos negócios (DEWEY, 1976). Assim surgiu a ideia para a escola nova.

Para o filósofo, era importante que a educação não se restringisse a transmissão do conhecimento como algo acabado, mas que o saber e as habilidades adquiridas pelos estudantes pudessem ser integrados a sua vida como cidadão do mundo, como pessoas no seu contexto social. Para ele:

No processo educativo, o indivíduo e o meio social são, portanto, dois fatores harmônicos e ajustados. O meio social ou o meio escolar, se bem compreendidos, devem fornecer as condições pelas quais o indivíduo liberte e realize a sua própria personalidade. Não podemos, assim, considera-los antagônicos. Todas as ideias de oposição entre sociedade e o indivíduo se originam de concepções isoladas e estáticas da sociedade ou do indivíduo. Se notamos, porém, que não existe indivíduo sem sociedade, nem sociedade sem indivíduos, que uma e outra são produtos e fatores de uma situação única - vida social - e que essa situação, por isso mesmo que é resultado de uma constante interação de elementos diversos, é essencialmente móvel e dinâmica, - para logo percebemos que não existe o problema do indivíduo versus sociedade. (DEWEY, 1959, p. 25).

O aprendizado se dá através do compartilhamento das experiências e para o filósofo, isto só seria possível num ambiente democrático, onde não houvessem barreiras ao “intercâmbio de pensamento”, e o melhor local seria a escola, mas num espaço onde as pessoas se encontrassem para educar e ser educadas. Segundo Dewey, a escola é a instituição pela qual a sociedade transmite a “experiência adulta” à criança. Para ele o que define a educação é a “reconstrução da experiência”. A escola deve proporcionar práticas conjuntas e promover situações de

cooperação, em vez de lidar com as crianças de forma isolada. A “Educação como crescimento ou conquista da maturidade deve ser um processo contínuo e presente” (DEWEY, 1976, p.44). Assim, a escola deve educar os alunos no presente para uma vida futura.

Dewey também é considerado um dos responsáveis pela corrente filosófica conhecida como pragmatismo, a qual ele prefere chamar de instrumentalismo, onde ideias ensinadas na escola só têm importância se forem capazes de resolver problemas reais.

De acordo com Mariconda, “o centro de todo o pensamento de Dewey é a concepção que ele mesmo chamou ‘instrumentalismo’, para diferenciá-lo dos pragmatismos de Pierce e William James, dos quais o inspiraram”. (DEWEY, 1980, p. VII).

Por ter este pensamento, influenciou educadores de várias partes do mundo. No Brasil, como dito anteriormente, inspirou o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira, onde integrava a atividade prática e a democracia como importantes ingredientes da educação.

O pragmatismo da filosofia norte-americana influenciou muito a educação brasileira, em especial no início do século XX. No Brasil, o maior representante do pensamento deweyano é Anísio Teixeira. Ele quando foi aos Estados Unidos, tomou contato com as ideias de John Dewey e foi o responsável por introduzir no Brasil essa nova proposta de filosofia da educação e de prática pedagógica. Junto ao nome de Anísio Teixeira estão outros educadores como: Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Francisco Campos. (SOUZA e MARTINELLI, 2009, p.4).

Para Dewey o mais importante é o crescimento físico, emocional e intelectual dos alunos. Para ele, isso só é possível se os alunos puderem aprender praticando, tarefas relacionadas aos conteúdos ensinados. Portanto, o currículo deve possuir atividades manuais e criativas nas quais as crianças possam ser estimuladas a experimentar e pensar por si mesmas. “Toda a aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida, onde o que for aprendido tenha o mesmo lugar e função que tem a vida” (DEWEY, 1959, p.39).

Desse modo, tendo em vista que a ordem política permite que os indivíduos se desenvolvem melhor, o filósofo defende uma democracia tanto no campo institucional, como dentro das escolas, para uma reconstrução e reorganização da experiência contínua, pois só assim é possível tornar consciente as atividades

passadas, presentes e futuras, tanto nossas como dos outros e que devem ser direcionadas a consolidar nossas experiências futuras.

O processo educativo, portanto, não tem nenhum fim além de si mesmo, é o processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida. Na frase de Dewey, o hábito de aprender diretamente da própria vida, e fazer que as condições da vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que pode a escola alcançar. Graças a esse hábito, a educação, como reconstrução contínua da experiência, fica assegurada como atributo permanente da vida humana. (DEWEY, 1980b, p.126).

Segundo Dewey (1959), vida e aprendizagem devem se unir ao ponto de ser uma coisa só, pois para ele a vida e a sociedade precisam ser integradas para surtir um bom resultado futuro, pois a educação prepara o sujeito no presente para melhor viver e conviver no futuro.

2.4 A Educação Filosófica

A ideia básica do pensamento de John Dewey sobre a educação está centrada no desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno, o que para ele se dá através da educação Progressiva. O pensamento não existe isolado da ação. A educação deve servir para resolver situações da vida e a ação educativa tem como elemento fundamental o aperfeiçoamento das relações sociais.

No processo educativo, o indivíduo e o meio social são, portanto, dois fatores harmônicos e ajustados. O meio social são ou o meio escolar, se bem compreendidos, devem fornecer as condições pelas quais o indivíduo liberte e realize a sua própria personalidade. Não podemos, assim, considera-los antagonísticos. (DEWEY, 1980b, p. 124).

Há vários conceitos em Filosofia, mas, segundo Pitombo, o conceito de filosofia em Dewey é de que,

A Filosofia não consiste numa ciência e nem principalmente no conhecimento, mas na apologia ou justificação de valores ou ideias sociais, objeto de crenças e aspirações humanas. Desde a origem a filosofia não foi disciplina intelectual, mas ideologia social e emocional. (PITOMBO, 1970. p.41).

Dewey (1980) concebia o conhecimento e o seu desenvolvimento como um processo social, integrando os conceitos de sociedade e indivíduo. Para ele, o

indivíduo somente passa a ser um conceito significante quando considerado como parte inerente de sua sociedade. E a sociedade não teria nenhum significado, sem a participação dos seus membros individuais. Segundo ele “A aprendizagem escolar deve continuar com a aprendizagem fora da escola. Deve haver um livre intercâmbio entre as duas coisas” (DEWEY, 1960, p. 217).

Para Dewey era de muita importância que a educação não fosse apenas transmissão de conhecimento como algo acabado, mas que o saber e habilidade adquiridos pelo estudante pudessem ser integrados na sua vida cotidiana como cidadão, como pessoa. PITOMBO, (1974). No laboratório-escola que Dewey dirigiu com sua esposa Alice e Ella Flagg Young, na Universidade de Chicago, as crianças desde pequenas aprendiam conceitos de física e biologia, através dos processos de preparo do lanche e das refeições, realizados na própria classe. Essa ligação entre ensino e prática cotidiana foi sua grande contribuição para a escola filosófica do Pragmatismo. A Escola Laboratório, também conhecida como Escola Dewey, durou cerca de dez anos, sendo que Dewey pediu demissão da universidade. PITOMBO, (1974).

Na concepção de Dewey, a Filosofia exerce uma função social, que ajuda a esclarecer ao indivíduo sobre seu dever como cidadão. Portanto uma educação filosófica de qualidade é de extrema importância em todas as instituições de educação.

Para Dewey os professores, em especial o professor de filosofia precisa entender quem são e de onde vem os jovens estudantes para quem vai dar aulas. É preciso saber em qual contexto estão inseridos, quais suas ideias de mundo e sociedade, quais são suas experiências, seus desejos e aspirações e quais são suas particularidades, pois só assim a escola vai poder preparar os jovens para um futuro melhor. “Considero que a ideia fundamental da filosofia de educação mais nova e que lhe dá unidade é a de haver relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação” (DEWEY, 1976.p.8).

A filosofia por si só já inclui uma prática formadora, mas é somente um professor devidamente formado em filosofia que vai conseguir ministrar uma aula que estimule os alunos a questionar, problematizar, argumentar, analisar e criar conceitos em torno das questões relativas ao seu cotidiano. Afinal de contas, para Dewey, uma prática docente deve ser baseada na liberdade do aluno para elaborar as próprias certezas, as próprias dúvidas e conhecimentos.

A filosofia foi definida como a teoria generalizada da educação. Afirmou-se ser uma forma de pensamento, encontra sua origem naquilo que “é incerto no assunto da experiência, que visa localizar a natureza da dificuldade e formular hipóteses para ser provada na prática (DEWEY, 1960, p. 215).

E essa prática só é possível num ambiente escolar com ajuda de um professor que seja formado e preparado para isso. Neste caso, um professor formado em filosofia.

A filosofia bem praticada dentro da escola, ajuda na formação social do indivíduo. Conforme diz Dewey, “A escola tem também a função de coordenar na aptidão de cada indivíduo as diversas influências dos vários meios sociais em que ele toma parte”. (DEWEY, 1960, p.116).

Para Dewey, a educação não é preparação para a vida, muito menos conformismo, para ele a educação, vai muito além disso, a educação é vida em crescimento, e quanto mais se vive e estuda, bem mais se cresce. A educação é um processo com fim em si mesmo, se reorganizando, se reconstruindo e se transformando para a vida. Este é o verdadeiro legado da escola.

[...] em outro sentido podríamos decir que el objetivo de la educación, para dewey, era la formación de hábitos y de modos de ser, de pensamiento y de sentimiento, imprescindibles en una sociedad democrática. La educación era para él medio y fin a la vez, y el instrumento fundamental de la democracia. (DEWEY, 1966, p.97).

Com certeza a educação em geral deve ser uma formação necessariamente contínua, democrática e filosófica para que sejam formados seres pensantes, conscientes de seus papéis na sociedade e não apenas jovens concluintes do ensino médio com um certificado para o trabalho que, na maioria das vezes será braçal.

É importante lembrar que as aulas de filosofia ministradas por um professor formado em filosofia são direcionadas com o intuito de fazer com que o aluno use sua razão e percepção para avaliar, questionar e direcionar sua vida no meio social. Deste modo, será mais capaz de fazer escolhas sensatas para o futuro, seja no aspecto pessoal, seja no profissional.

Desse modo, é possível dizer que a filosofia é o combustível intelectual necessário para a futura geração.

3 O PIBID

Em 2007 foi criado no Brasil um grande e importante programa para auxiliar os alunos das licenciaturas a se familiarizarem com o meio escolar. Através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN (Lei nº9.394/96) Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e dá outras providências. (BRASIL, 2010).

No início surgiu para atender apenas as áreas específicas como Física, Química, Biologia e Matemática do ensino médio, tendo em vista a enorme carência de professores para lecionarem nessas disciplinas. Pouco tempo depois, com a implantação de novas políticas públicas para valorização do Magistério e a crescente demanda, aliados aos bons resultados já alcançados pelo programa, no ano de 2009 o PIBID foi expandido, passando a atender não apenas essas áreas específicas, mas toda a Educação Básica.

O programa tem sido, desde sua criação, de vital importância na formação dos novos professores, principalmente para aqueles que não tiveram nenhum contato a frente de uma turma de alunos antes do estágio obrigatório, que acontece somente no final do curso.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e Cultura (MEC) juntamente com a (CAPES) Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que visa melhorar e a valorizar a formação de professores para a educação básica. Os estudantes são inseridos no universo das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor supervisor da escola. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Os alunos e os supervisores ganham uma bolsa com valores em dinheiro que são creditados diretamente em suas contas bancárias. Com essa iniciativa, faz-se uma articulação entre a educação superior, por meio das licenciaturas, a escola e os sistemas estaduais e municipais, além de ajudar os alunos a custear suas despesas com a faculdade.

A Capes concede quadro modalidades de bolsa aos participantes do projeto institucional:

Iniciação à docência – para discentes de licenciatura dos cursos abrangidos pelo subprojeto. Valor: R\$400,00 (quatrocentos reais).

Professor supervisor – para professores de escolas públicas de educação básica que acompanham, no mínimo, oito e, no máximo, dez discentes. Valor: R\$765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais).

Coordenador de área – para docentes da licenciatura que coordenam os subprojetos. Valor: R\$1.400,00 (um mil e quatrocentos reais).

Coordenação institucional – para o docente da licenciatura que coordena o projeto institucional de iniciação à docência na IES. Permitida a concessão de uma bolsa por projeto institucional. Valor: R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais).

As bolsas são pagas pela CAPES diretamente aos bolsistas, por meio de crédito bancário. (BRASIL, 2010).

3.1 Características do Programa

Entre os seus objetivos, estão: fomentar a iniciação à docência; incentivar a carreira do magistério; garantir a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura; elevar o padrão de qualidade da educação básica, entre outros, como seguem:

- a) incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- b) contribuir para a valorização do magistério;
- c) elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- d) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;
- e) incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;

- f) contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

3.1.1 Dos Deveres dos Bolsistas de Iniciação à Docência

O aluno selecionado compromete a desenvolver o plano de trabalho de seu subprojeto, em conformidade com os deveres apresentados no artigo 43 da portaria nº96/2013 e a:

- a) executar o plano de atividades sob orientação do professor supervisor e do/s professores coordenadores de área;
- b) apresentar formalmente os resultados parciais e finais de seu trabalho na escola, divulgando-os na instituição onde estuda, em eventos de iniciação à docência promovidos pela instituição e em ambiente virtual do PIBID organizado pela Capes¹;
- c) adotar uma postura ética e profissional ao exercitar a docência no ambiente escolar;
- d) assumir compromisso e responsabilidade com a ação desenvolvida como bolsista, nas relações estabelecidas com o professor coordenador de área, com a coordenação institucional e com a comunidade escolar.

3.1.2 As Leis.

O Programa tem como base legal a Lei nº 9.394/1996, a Lei nº 12.796/2013, o Decreto nº 7.219/2010 e a Portaria Capes nº 096 de 18 de julho de 2013, que regulamenta o Programa.

3.1.3 A Implantação

Instituições de Educação Superior interessadas em participar do PIBID devem apresentar à Capes seus projetos de iniciação à docência conforme os editais de seleção publicados. Podem se candidatar IES públicas e privadas com e sem fins lucrativos que oferecem cursos de licenciatura.

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

As instituições aprovadas pela Capes recebem cotas de bolsas e recursos de custeio e capital para o desenvolvimento das atividades do projeto. Os bolsistas do PIBID são escolhidos por meio de seleções promovidas por cada IES. Art. 56. Os bolsistas de supervisão e de iniciação à docência serão selecionados por meio de chamada pública de ampla concorrência realizada pela Comissão de Acompanhamento do PIBID (CAP). Parágrafo único. Caso a CAP ainda não tenha sido constituída, caberá ao coordenador institucional e aos coordenadores de área a responsabilidade pela seleção dos bolsistas. (Lei nº 9.394/1996, a Lei 11.273/2006 e o Decreto nº 7.219/2010)

A lei Lei nº 9.394/1996, a Lei 11.273/2006 e o Decreto nº 7.219/2010 em seu Art. 57, diz, “Para o processo de seleção, a instituição deverá providenciar ampla divulgação das normas do programa, por meio de edital, onde deverá constar: período de inscrições; critérios para seleção dos bolsistas, procedimentos para pedidos de reconsiderações, entre outras normas julgadas pertinentes”.

3.3 A Importância da Formação

O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. A intenção é elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura. Além de inserir esses futuros profissionais no cotidiano das escolas da rede pública de educação. Esses futuros professores além de adquirir novas experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes, também podem ajudar na superação de problemas identificados no processo do ensino público.

Com o PIBID, alunos das licenciaturas aprendem a preparar as aulas, preencher o caderno de chamada, a elaborar projetos, a se portar diante da turma; os pibidianos também desenvolvem a capacidade de trabalhar em grupos, a lidar melhor com as diferenças entre os mesmos e principalmente aprendem sobre a rotina e funcionamento de uma escola. Os alunos que conseguem uma vaga no programa e passam a fazer parte do projeto, se tornam professores bem mais preparados para enfrentar os desafios da profissão.

Além disso, o PIBID é uma oportunidade de renovação no espaço escolar, que traz benefícios a todos os envolvidos, pois propicia um espaço de convivência, socialização de experiências, acadêmicas e não acadêmicas, reconstruindo a

identidade docente tanto para os alunos bolsistas, quanto para os professores da Educação Básica (ROSA; MATTOS, 2013).

Desse modo, o programa vem ao encontro da educação proposta por Dewey, na medida em que possibilita a desacomodação da escola engessada, permitindo que, tanto por meio da filosofia quanto por meio da presença de jovens futuros professores com ideias novas, com conhecimentos novos, com ânimo e disposição, a escola se movimente e se renove. E isso é o início de um processo de mudança nos professores da escola e, portanto, da própria educação no médio e longo prazo (ROSA; MATTOS, 2013).

A formação através do PIBID coloca o futuro professor em contato com os alunos, com os professores e com a rotina da escola. Assim, eles vão aprendendo como se portar como professores, podendo observar erros e acertos dos professores que atuam nas escolas, com isso evitam de cometer certos erros no futuro, se tornando mais preparados para enfrentar os desafios que -os aguardam.

4 OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR DE FILOSOFIA NO CONTEXTO ATUAL

Ser professor de filosofia no contexto atual é desafiador. Principalmente porque, mais uma vez, propostas retrógradas são discutidas pelo Ministério da Educação e, se aprovadas, trarão um retrocesso na educação, principalmente na área das ciências humanas, em disciplinas como filosofia e sociologia. Preocupa, especialmente depois de tão recente retorno depois de quase 40 anos delas terem sido banidas do currículo em 1971 e serem substituídas por educação moral e cívica, quando em 2008 elas voltaram a fazer parte do currículo obrigatório no Brasil, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) nº 11.684, na qual a medida tornava obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio. Agora novamente se discute se elas serão ou não obrigatórias, estabelecendo, até o momento, conforme o artigo 35 da LDBN, na nova reforma, que serão obrigatórias, mas não necessariamente nos três anos do Ensino Médio, ficando a critério das secretarias de educação decidirem.

Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

I - linguagens e suas tecnologias;

II - matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias;

IV - ciências humanas e sociais aplicadas.

§ 1º A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.

§ 2º A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (LDBN, 2017).

Provavelmente é por isso que, durante muito tempo, ouvimos as pessoas falarem mal da filosofia, por não entenderem as aulas ou não entenderem o porquê da filosofia. De forma simplificada, todas as disciplinas deixam claros os porquês de suas existências. Na linguagem popular, aulas de matemática “servem para aprender fazer contas”; de português para “falar e escrever melhor”; história para “conhecer o passado e pensar o futuro”; geografia para “conhecer os países, os estados e cidades”; ciências para “entender as doenças”; física para “conhecer e entender os fenômenos da natureza”; química para “conhecer os processos para fazer medicamentos”, até ensino religioso para alguns tem um porque, mas, e a

filosofia? Para a maioria dos alunos, e população em geral, não serve para nada, porque nela não está explícita a sua “utilidade”. Além disso, os professores que ministram as aulas, na maioria das vezes, não são professores de filosofia ou são professores desmotivados devido a desvalorização da profissão de professor e da própria filosofia nas escolas com currículos escolares que não dispõem de horas o suficiente para que o professor desta disciplina possa ministrar uma aula suficientemente filosófica. Mas é preciso mudar isso.

O professor de filosofia, dentro do que entendemos, vai ensinar a pensar filosoficamente, a organizar perguntas num problema filosófico, ler e escrever filosoficamente, a investigar e dialogar filosoficamente, avaliar filosoficamente, criar saídas filosóficas para o problema investigado. E vai ensinar tudo isso na prática. Na sua prática e na prática dos alunos. Vai ensinar tudo isso sem dar fórmulas a serem apenas reproduzidas. Não vai achar que sabe o que vai acontecer pois tudo pode acontecer já que tudo estará sendo criado a cada aula. Nas aulas de filosofia como experiência filosófica, o professor é um orientador, ele põe à disposição para os seus alunos os instrumentos que conhece para uma disciplina filosófica no pensamento. Cria com os alunos um grupo, uma equipe, que tem um objetivo comum: encontrar saídas para um problema elaborado por eles mesmos, de seu interesse, por meio da investigação e do estudo filosóficos. O professor sabe que sua orientação é limitada ao seu modo de compreender a filosofia e a realidade, e que, portanto, sua orientação deve conter incentivo e atenção para as possíveis criações de novos modos por parte de seus alunos. (ASPIS, 2004, p.310-311).

De que forma um professor não formado em filosofia poderia fazer isso? Simplesmente não pode, pois não possui as habilidades e competências para tal. Não é possível ter uma aula de filosofia com um professor que não é da área, por exemplo. Por mais esforçado que ele seja, ele dará a aula de uma forma não filosófica, deixando assim as aulas de filosofia desinteressantes. Deste modo, não há como dizer que a filosofia faça a diferença na vida dos discentes, já que eles não tiveram aulas filosóficas. Portanto, somente um professor filósofo está habilitado para tais aulas, nas quais conseguirá orientar os alunos a investigar, questionar e debater os assuntos envolvendo o cidadão e a sociedade, com isso ajudando os alunos a perceber o quanto é importante estudar a matéria como um todo, envolvendo indivíduo, escola e sociedade para a sua própria sobrevivência no mundo além da escola. Segundo Dewey, “o fim da educação não se completa ao sair da escola, porque a educação deve estar sempre se ampliando e crescendo progressivamente”. (DEWEY, 1980b, p.134).

A melhor forma de aprender para a vida além da escola é através das aulas de filosofia dentro da escola.

A vida é, pois, tanto melhor quanto mais alargarmos nossa atividade, pondo em exercício todas as nossas capacidades. Esse ideal é não somente individual, como social: o máximo desenvolvimento de cada um dirigido de modo que se assegure o máximo desenvolvimento de todos.

Tal desenvolvimento progressivo e permanente constitui a essência da vida perfeita. (DEWEY, 1980b, p.134)

Portanto, se o discente puder alargar as suas capacidades com a direção de um bom professor, ele também conseguirá seguir a vida dando sempre o máximo de suas capacidades em seu desenvolver em sociedade.

Cada vez mais precisamos ter aulas bem direcionadas, para garantir um processo contínuo na vida dos estudantes. Pois tudo o que eles aprendem na escola deve servir de base para a vida em sociedade.

A atividade educativa deve ser sempre entendida como uma libertação de forças e tendências e impulsos exigentes no indivíduo, e por ele mesmo trabalhado e exercitados, e, portanto, dirigidos porque sem direção eles não se poderiam exercitar. (DEWEY, 1980b, p.126,122).

Educar para a vida! Este é um dos grandes desafios que os novos professores terão de enfrentar, visto que, a cada dia fica mais difícil atrair a atenção dos alunos, já que existem tantos atrativos mais interessantes no mundo fora da escola. Os novos professores precisam estar preparados para o momento de confronto, eles terão de provar que suas aulas podem ser incorporadas com as novas tecnologias e atrativos de fora da escola.

4.1 A importância do PIBID na formação dos novos professores na visão dos mesmos

Para o embasamento desta pesquisa, procurou-se saber a importância do PIBID na formação dos novos professores e principalmente na formação do novo professor de filosofia. Para isso foram realizadas entrevistas com estudantes de filosofia que participaram ou participam do PIBID a fim de verificar qual a visão que cada um tem do programa, e que importância atribuem ao programa para sua formação.

De acordo com a pesquisa realizada, segue abaixo uma análise das entrevistas realizadas com colegas e ex-colegas do PIBID, as quais contém rico material de pesquisa para este trabalho monográfico.

A primeira pergunta foi feita em relação ao tempo de formação no curso, todos os cinco entrevistados responderam e deu para perceber que existem diferentes graus de semestralidade, basicamente abarcou boa parte dos semestres, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º semestres, o que torna a pesquisa bem diversificada neste aspecto.

Na segunda pergunta o que é percebível, é que cada aluno teve um tempo diferente de participação no PIBID. Alguns com anos de participação e outras apenas um semestre. E isso fez a diferença nas demais perguntas, pois quem ficou mais tempo no programa, provavelmente pode vivenciar mais o ambiente escolar.

O questionamento seguinte foi em relação a importância dada pelo estudante de filosofia ao PIBID para sua formação acadêmica.

Entrevistado 1: A experiência de iniciação à docência é fundamental para uma formação acadêmica de qualidade.

Entrevistado 2: Experiência com outras pessoas, troca de conhecimentos com outros colegas, o aprendizado adquirido na universidade foi aprimorado no PIBID.

Entrevistado 3: O PIBID tem papel de destaque na formação acadêmica do docente, uma vez que o coloca dentro da rotina do ser professor, tornando-o familiarizado com todo o processo burocrático da profissão. Dá-nos também a possibilidade de vivenciar a prática profissional antes mesmo do estágio obrigatório, o que, claro, nos enriquece ainda mais.

Entrevistado 4: Familiarização com o dia a dia na escola, convívio com alunos, oportunidade de participar do conteúdo formativo das aulas e conhecer as atividades burocráticas do docente.

Entrevistado 5: Oportunidade de vivenciar a realidade da sala de aula antes de concluir o curso, aprendizado prático com orientação e supervisão contínua, proporciona maior segurança para exercer a profissão.

Nesta terceira questão, a respeito das perspectivas futuras na área, é possível perceber o entusiasmo e a importância dada pelos alunos ao projeto PIBID.

Ficou claro que todos gostaram de participar e que conseguiram tirar proveito da oportunidade que tiveram ao fazerem parte de um projeto com as qualidades do PIBID.

1: Poder fazer a diferença na relação docente/discente, levando comigo o conteúdo da experiência como PIBIDIANA para a sala de aula.

2: Exercer a profissão da melhor maneira possível, buscar sempre aperfeiçoamento, colocar em prática o aprendizado na área pedagógica.

3: Espero poder lecionar e exercer da melhor maneira a profissão de professor de filosofia para ensinar sabedoria e lições de vida para os estudantes.

4: Bom, não tenho grandes perspectivas para a área da educação, embora tenhamos projetos excelentes de incentivo à docência (PIBID por exemplo) e os descontos mensais das bolsas licenciatura (exclusividade da Unisinos – penso eu), à docência ainda é vista com descaso por aqueles que realmente podem fazer alguma coisa. Somos ludibriados todos os dias com discursos fajutas e utópicos de que a coisa vai melhorar, mas a realidade, podemos afirmar, é que não irá melhorar tão logo e, também, muito menos se manterá a mesma. E, certamente, cada um de nós, professores e futuros professores, fazerem sua parte não resolverá absolutamente nada, uma vez que, ensinar e educar não são as faces únicas do ser professor e do educar/ensinar.

5: Procuro ver sempre de forma positiva, de forma a contribuir para uma aprendizagem de qualidade.

Apesar da dura realidade mencionada por um dos entrevistados em relação a educação brasileira, a grande maioria deles vê com entusiasmo o futuro como professor e principalmente acreditam que o PIBID os ajudou a aumentar suas expectativas futuras em relação a profissão.

Ao serem questionados sobre a realidade do ambiente escolar e seu aproveitamento no PIBID, ficou claro que os participantes desta pesquisa estão satisfeitos em participar do programa, principalmente pelo programa permitir essa aproximação com a realidade escolar, porque, se não houvesse o PIBID, isso só seria possível no final do curso através do estágio, no qual não é possível ter toda essa aproximação que o PIBID proporciona.

1: Muito proveitosa, pois entendo que esta é uma oportunidade única de juntar teoria e prática.

2: O formato educacional vigente não proporciona ao aluno um aprendizado efetivo, o excesso de carga horária dos professores impede que se faça uma aula realmente proveitosa, a forma com que as aulas são dispostas nos currículos não é equilibrada.

3: A presença que tive na sala dos professores me possibilitou conhecer os professores da escola. Pude ouvir seus momentos de alegrias, suas queixas, os problemas que acontecem no ambiente escolar.

4: Sim, com certeza. Porque a partir do momento que estou envolvido na realidade escolar, consigo observar progressos e retrocessos acerca da aprendizagem, podendo assim desenvolver um trabalho com mais eficiência.

5: No Brasil sabemos que não, mas na escola que participo do projeto PIBID afirmo com toda a certeza que está sim, uma vez que temos um amplo espaço que podemos utilizar mediante a solicitações (burocráticas) que fazem partes das normas da instituição. Gosto do ambiente escolar, pois, me permite desenvolver os projetos coletivos e individuais do PIBID com certa facilidade, nos fornecendo uma boa estrutura para convívio e troca de conhecimento.

Por fim, os estudantes foram questionados em relação a própria atitude para o crescimento da escola em que atuam ou atuaram como alunos do PIBID e em relação às experiências que o programa proporcionou que foram relevantes à formação deles como futuros professores.

1: Espero estar colaborando para o desenvolvimento cultural dos alunos.

2: Auxílio aos professores, projetos para melhorar o aprendizado dos alunos.

3: Participei dos projetos que envolveram e escola.

4: Procuo contribuir com os projetos desenvolvidos pelo grupo, onde o ponto principal é a aprendizagem dos alunos.

5: Essa questão é um paradigma muito grande. Primeiro, não cabe a mim enquanto PIBIDIANO tentar melhorar a escola (no quesito físico), mas

faço o possível para me envolver nos setores humanos e fazer o necessário para o melhoramento do mesmo. Procuo agir sempre de maneira objetiva, expondo minhas visões sobre os mais variados assuntos. Nos projetos com os alunos, sempre busco o desenvolvimento argumentativo. Então, para o melhoramento na formação do discente e no material humano da instituição, penso que posso colaborar, agora no que tange ao físico, creio que não cabe a mim. Obviamente prezo pela conservação do que temos.

As respostas da questão acima mostram que o PIBID proporciona o envolvimento direto com alunos, professores e futuros professores, permitindo um início de caminhada neste sentido, fazendo com que a formação de novos professores seja mais completa, preparando-os para a futura profissão de forma mais realista possível.

Em relação às experiências, nem todos responderam, mas aqueles que responderam deixaram claro que o PIBID está auxiliando plenamente na formação dos futuros professores, como mostram as respostas transcritas abaixo.

1: Projetos em grupo, possibilidade de praticar técnicas pedagógicas, contato direto com alunos e corpo docente da escola, gestão de conflitos com orientação de professores experientes.

2: O relacionamento com outros professores na escola foi fundamental para a formação docente, a troca de experiência com outros colegas PIBIDIANOS enriqueceu a formação.

3: Compreender como funciona no ambiente escolar: a relação professor-aluno, como se constrói um plano de aula e qual melhor maneira de aplica-lo.

4: O PIBID tem me permitido observar, desenvolver e melhorar habilidades do ser professor, deixando-me habituado com todas as faces da profissão. Desenvolvo também habilidades retóricas que muito me ajudam a enfrentar o fator timidez

De acordo com esta pesquisa, pode-se notar que o PIBID é um projeto de extrema importância para a formação pedagógica dos futuros professores.

Além disso, percebe-se que o filósofo estadunidense John Dewey há muito tempo já sinalizava a importância da formação através da experiência, mesmo não imaginando a criação de um programa como o PIBID que no futuro viria de encontro com suas ideias, podemos perceber como o PIBID está cunhado nos moldes da educação pensada por ele.

Para Dewey a educação deveria se dar na prática, através da experiência tendo em vista a relação da vida escolar com a vida social. E para que melhor exemplo de formação na prática que a participação dos acadêmicos no PIBID. A formação de professores através do PIBID consegue fazer essa ligação da vida escolar com a vida social, através da experiência, pois os alunos universitários conseguem ao participar do PIBID se inserir na vida social da escola e dos alunos durante o tempo de formação e não somente depois de formado, acumulando experiência para aplicar mais tarde quando já estiverem formados.

5. PARA ENTENDER A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA FAZ-SE NECESSÁRIO CONHECER O CONTEXTO HISTÓRICO DA MESMA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Não é de hoje que a filosofia é tema de debates e controvérsias na esfera do poder político brasileiro. Desde a colonização do Brasil se pensou na filosofia como conteúdo a ser estudado nas escolas. No entanto a filosofia teve sua presença garantida somente durante o período colonial até a república, depois disso houve muitas discussões a cerca do assunto e a filosofia foi entrando e saindo do currículo escolar a cada novo de governo.

No Brasil, os cursos organizados pelos jesuítas funcionavam em colégios e seminários, e estruturavam-se, de modo, geral em quatro graus de ensino sucessivo e propedêutico: o curso elementar, o curso de humanidades, o curso de artes e o curso de teologia. (ALVES, 2002, p.9).

Portanto, diferente do que alguns possam pensar a filosofia não é uma novidade que precisa ainda hoje ser discutida se entra ou não no currículo escolar brasileiro, pelo contrário, ela já foi muito ensinada, e entre suas idas e vindas, muito se discutiu sobre a utilidade dela na educação.

Durante o período jesuítico que ocorreu no Período Colonial sob a influência portuguesa, a filosofia esteve presente na educação; evidentemente que durante esse período a filosofia não era exatamente como nós a conhecemos hoje, certamente havia algumas restrições, que, segundo Alves (2002),

[...] não se estudava qualquer filosofia, e sim aquela que interessava aos projetos da Companhia. A filosofia ensinada na colônia estava impregnada, tanto da forma quanto no conteúdo, pela “concepção de mundo” (ideologia) dos jesuítas. Na forma, devia seguir o Ratio Studiorum, com disciplina e rigor; e, no conteúdo, devia estudar Tomás de Aquino e, com algumas ressalvas Aristóteles (PAIM, apud, ALVES, 2002, p.10).

No início da história educacional filosófica no Brasil, a preocupação era com o ensino religioso, moral e os bons costumes dos alunos, não a formação intelectual conhecida hoje. Os autores estudados eram minuciosamente revisados antes de permitir que os alunos tivessem conhecimentos deles, pois nem todos os filósofos tratavam de temas como moral e religião, e muito menos da maneira como os

padres jesuítas gostariam que estes temas fossem passados a diante. Por isso todo o cuidado era necessário para evitar que houvesse influências negativas aos conteúdos pretendidos por eles.

Apesar de Aristóteles ser o principal autor estudado dentre os clássicos da Antiguidade, conforme o indicado na citação acima, isto era feito com o maior “cuidado”, para que os alunos tomassem contato apenas com aquelas ideias do estagirita que não comprometessem o dogma católico. Recomendava-se um rigoroso controle sobre os professores e sobre as leituras feitas pelos alunos, para não os expor a nenhuma influência externa, a “ideias nova” ou contrárias a doutrina da igreja. (ALVES, 2002, p. 11).

Depois do período jesuítico, tivemos o Período Pombalino, em 1750, que levava esse nome devido as reformas realizadas na metrópole e nas colônias portuguesa, pelo então, Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo. Pombal tinha como objetivo realizar reformas que recuperassem a economia portuguesa, e o colocasse em uma posição privilegiada em relação a outros países, e o Brasil possuía um bom peso econômico para isso. Com a reforma educacional pombalina houve a expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas, e a educação passou ser comandada pelo Estado.

Pombal e as reformas por ele empreendidas, em especial no campo educacional, representam, também, do ponto de vista ideológico, o momento de abertura de Portugal as ideias iluministas e liberais, hegemônicas em quase toda Europa nesse período. Das reformas pombalinas, a mais significativa foi, talvez, a da universidade de Coimbra, em 1772, sem dúvida a mais conhecida. (ALVES, 2002, p.13).

Escolas sempre existiram, e segundo Guareschi “Escola seria aquela instituição superestrutural, na maioria das vezes imposta, obrigatória, e controlada pelos que detêm o poder”. (GUARESCHI,1996, p.69/71). Quando os poderosos não estavam satisfeitos com o desempenho das escolas, eles reformulavam o método educacional ou simplesmente fechavam as escolas, mesmo que isso não fosse o melhor para a população, aliás nesses períodos da história brasileira, o povo não tinha voz ativa nessas questões. Quem mandavam eram os que detinham o poder.

Durante o período pombalino no Brasil foram feitas grandes reformas na educação e escolas foram fechadas, e o projeto jesuítas desfeito;

O processo inaugurado por Pombal não tarda refletir-se nas colônias, que sofrem os efeitos (nem sempre positivos), da política da metrópole. Com a

expulsão dos jesuítas, Pombal empreende uma reforma político pedagógica de caráter amplo, organizando a educação na metrópole portuguesa em outras bases: laica e liberal, e as colônias deveriam adaptar-se a nova orientação. Com tudo, o que houve na prática foi o desmonte do que havia de estrutura pedagógica montada pelos jesuítas: escolas, professores, materiais didáticos, livros etc.; sem colocar no lugar algo equivalente, no nível estrutural. (ALVES, 2002, p.15).

Todo o esforço dos jesuítas é deixado de lado e um novo sistema começa a ser criado. Este novo sistema acaba criando problemas, pois para inovar este sistema, Pombal desarticulou projetos que já haviam se estruturados a algum tempo, e para refazer tudo de uma nova forma. Não é fácil fazer dar certo um projeto que, simplesmente desfaz outro que já estava dando certo, exclusivamente porque mudou o grupo que está no poder. De acordo com Dewey, “é indispensável compreender, e de maneira cabal, que não é abandonando o velho que resolvemos qualquer problema”. (DEWEY, 1976, p.13). Até porque normalmente nesses casos acabam criando um problema ainda maior para o governo atual.

[...] no Brasil, aliado ao ideário liberal e iluminista, consistiu, nesse período, na supressão de todo o aparato pedagógico e político da companhia de Jesus, muito além do que talvez fosse necessário. E é a própria metrópole um exemplo do que poderia ter sido feito, onde se reformou a universidade de Coimbra em vez de simplesmente a dissolver, como ocorreu com os colégios jesuítas no Brasil Colônia, (idem, p.49). Uma tentativa (tardia) no sentido de construir, no Brasil colônia, uma proposta educativa alternativa a aquela dos jesuítas foi a reativação do Seminário de Olinda, em 1800, por Azeredo Coutinho. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, bispo de Olinda. (ALVES, 2002, p.16).

Na tentativa de fazer funcionar o novo sistema educacional alternativo e introduzir uma filosofia no sentido ideário liberal e iluminista, Pombal, reativa o Seminário de Olinda que, segundo Alves (2002) no Seminário de Olinda foi criado um curso de Filosofia com duração de dois anos, e que durante esse tempo deveria ser ministrado alguns conteúdos como;

[...] a lógica, a metafísica, a ética e “parte da Física Experimental” eram ministrados no primeiro ano, enquanto a história natural e a química ocupavam, com exclusividade, o segundo ano. Portanto, os conteúdos de filosofia natural predominavam sobre os de filosofia racional e de filosofia moral. Além de terem um lugar no primeiro ano. Através de física experimental, gozavam de domínio pleno no segundo. (ALVES, apud. ALVES, 2002, p.18).

A filosofia sempre esteve presente na educação brasileira e de certa forma bem pacífica. Pelos menos até o Período Imperial que deu início com a chegada da corte portuguesa no Brasil em 1808.

Desde o Período Colonial até o término do período Imperial, a filosofia esteve presente na educação escolar, mas em *caráter propedêutico* ao ensino superior, sobretudo sobre os cursos de teologia e os cursos de direito. Porém, com a proclamação da República, a presença da filosofia no ensino escolar brasileiro, que até então havia sido um ponto pacífico desde o início da colonização, muda de rumo radicalmente. (ALVES, 2002, p. 24).

Segundo Alves (2002), depois de Pombal, somente após a independência se modificou a estrutura do ensino no Brasil. Até então, havia uma estruturação para o ensino da filosofia.

Segundo Cunha, os “exames preparatórios” para o ingresso num curso de direito, por exemplo, exigiam aprovação nos “exames” de línguas latina e francesa, retórica, filosofia racional e moral, aritmética e geometria. No caso específico da filosofia, “a filosofia racional forneceria ao estudante meios de pensar, aquilatar o acerto ou erro das proposições; a filosofia moral seria o primeiro degrau para o estudo do direito natural, a base da jurisprudência. (ALVES, 2002, p.22).

Na educação brasileira a filosofia esteve presente na maior parte do tempo, mas sempre criando polêmicas.

De acordo com Alves (2002), em 1889, sob a influência do ideário liberal e positivista é instituída a República no Brasil. Neste período se rompe com a monarquia e a igreja católica. Depois desse período e tempo de muitas discussões “consequentemente, pela primeira vez a filosofia, enquanto disciplina escolar, fica *ausente* do currículo, desde a organização do ensino na Colônia”. (ALVES, 2002, p.28).

A filosofia ficou indo e vindo no currículo porque na verdade desde sua inclusão pela primeira vez no currículo escolar brasileiro, muitos nunca entenderam direito o que é e para que serve de fato a filosofia.

Mas existem, também, outras razões (ideológicas). Depois de instaurada a República e garantida a hegemonia política, havia a necessidade de firmar a “hegemonia cultural” que daria suporte teórico e ideológico ao novo regime. Nesse contexto, a filosofia é vista com suspeita pelos republicanos, em especial os positivistas, já que a filosofia ensinada nos colégios ou em “aulas avulsas”, naquela época, estava impregnada da ideologia da igreja

católica e da Monarquia, mormente identificada com a concepção do mundo Feudal, de cunho aristotélico-tomista. (ALVES, 2002, p.28).

Para os que entendem, sabe que, quem estuda filosofia não é facilmente ludibriado e isso é um problema para quem quer o poder sem se preocupar com o povo, porque povo instruído não é massa de manobra. Entre idas e vindas podemos dizer que a filosofia foi.

Sendo retirada do currículo na Reforma Benjamin Constant, em 1890, que conferia predominância à parte, a filosofia retorna ao currículo em 1901, com a reforma Epitácio Pessoa, que acentuava a parte *literária*, retirando sociologia, biologia e moral e incluindo lógica no 6º ano do secundário; em 1911, Rivadavia da Cunha Corrêa, então ministro da Justiça e negócios Interiores, parlamentar ligado aos positivistas do Rio Grande do Sul, empreende a terceira reforma republicana, no período da sua gestão, 1910-1914, conhecida como Reforma Rivadavia da Cunha Corrêa, que torna a retirar a filosofia do currículo, ao introduzir uma organização mais *prática* dos programas do Colégio Pedro II; em 1915, uma nova reforma se faz necessária, a de Carlos Maximiliano, que volta a contemplar a filosofia no currículo, mas, num curso facultativo, que deveria ser cursado para além das disciplinas obrigatórias; e finalmente, com a Reforma Rocha Vaz, em 1925, tem-se a última reforma educacional até 1930, e a filosofia volta a figurar no currículo como matéria obrigatória, no 5º e no 6º anos. (CARTOLANO, apud ALVES, 2002, p.29).

A partir desta citação de Cartolano, Alves demonstra a razão da filosofia ter sido tantas vezes retirada e reinserida no currículo escolar brasileiro. “à filosofia racional forneceria ao estudante meios de pensar, aquilatar o acerto ou erro das proposições; a filosofia moral seria o primeiro degrau para o estudo do direito natural, a base da jurisprudência” (ALVES, 2002, p. 22). De certo que estas questões bem ensinadas se tornam perigosas para quem quer governar um rebanho.

De acordo com Alves (2002), após 1930, com o golpe do estado e a revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao governo, houve mais reformas e a criação da Lei Orgânica do Ensino Secundário.

A reforma Francisco Campos (1932), inserida nesse contexto, teve como medidas mais significativas a criação do regime seriado de estudos e a frequência obrigatória, extinguindo o sistema de preparatórios e exames parcelado para o ingresso no ensino superior, que existia desde o período Imperial. Quanto a nova estrutura do curso secundário ficou dividido em dois ciclos: um fundamental, de cinco anos, obrigatório para o ingresso nas escolas superiores, dava uma formação básica geral; e outro complementar, de dois anos, que preparava para o ingresso nas escolas de direito, medicina e engenharia. A filosofia passou a compor o currículo do curso complementar, como história da filosofia e como lógica. (CARTOLANO e ROMANELLI, apud ALVES, 2002, p.32).

Primeiro se fez a Reforma Francisco Campos, depois a Reforma Gustavo Capanema, e assim foram feitas várias reformas no ensino brasileiro, mas nem todas ou quase nenhuma obteve sucesso.

A Reforma Gustavo Capanema (1942), executada já no Estado Novo, manteve basicamente a concepção “enciclopédica e elitista” do ensino secundário da anterior. Também estruturado em dois ciclos, o ensino secundário ficou dividido entre o *ginásio*, com duração de quatro anos, e o *colégio*, com duração de três anos, este subdividido em dois cursos paralelos: o *clássico*, que enfatizava a formação intelectual; e o científico, que era marcado por um estudo maior das ciências. A filosofia era indicada para o *colégio* como disciplina obrigatória na 2ª e 3ª séries do curso *clássico* e na 3ª série do *científico*. (CARTOLANO, apud. ALVES 2002, p.33).

Mas as reformas na educação e o vai e vem da filosofia nos currículos escolares brasileiro, não pararam por aí. Segundo Alves (2002) após a Proclamação da República e o Golpe civil Militar a filosofia foi sendo extinta gradativamente.

Se nesse período a situação da filosofia na escola secundária nacional caracterizou-se por uma presença indefinida no currículo, no próximo período (1964-1982), decide-se por sua retirada “total” dos currículos das escolas públicas da União. (ALVES, 2002 p.34).

Muitas vezes até mesmo quem estuda filosofia ou conhece sua utilidade não entende o porquê de tantas idas e vindas dela nos currículos escolares no Brasil. Portanto, não poderia ser diferente com os estudantes do ensino básico. Para eles a filosofia vai e volta dos currículos porque não deve ter importância. Não sabem eles que é justamente o contrário que faz a filosofia ir e vir e com tanta discussão em torno dela. Dewey, dizia “Julgo que não é preciso nenhum conhecimento grande na história da educação para se comprovar que somente reformadores e inovadores educacionais sentiram a necessidade uma filosofia de educação”. (DEWEY, 1952, p.18). Além disso não somente reformadores e inovadores educacionais devessem se preocupar com uma filosofia da educação, mas qualquer ser que ocupe uma posição de destaque nos governos, um estudioso ou professor de qualquer disciplina, deveria entender que a filosofia proporciona uma capacidade de investigação racional, capaz de fundamentar e desenvolver teorias e metodologias racionais, instituições do conhecimento humano e as instituições científicas, artísticas, religiosas e culturais, metodologias de pesquisas e projetos educacionais. Portanto a filosofia está ligada a todas as disciplinas escolares e da vida, não sendo possível uma exclusão dos currículos educacionais.

Entre tantos períodos que a política e a formação do Estado brasileiro enfrentaram está também o período ditatorial, pós 1964, no qual a filosofia esteve ausente definitivamente.

O ensino escolar no Brasil sempre teve sua estrutura e o seu papel condicionado ao modelo econômico e político vigente em cada momento na história nacional; conseqüentemente, a cada redirecionamento político e econômico havia uma nova reestruturação do ensino escolar, para adaptá-lo aos interesses dos “novos senhores” do poder; as mudanças na política educacional instauradas após 1964 são apenas mais um capítulo de essa história. (ALVES, 2002, P.35).

Quando o governo pensa uma educação que forneça mão de obra qualificada para o trabalho, a filosofia fica de fora, pois, em grande maioria, os governos estão mais preocupados em obter lucros do que criar intelectuais pensantes que podem gerar problemas ao questionarem e influenciar outros a questionarem suas ideias. A maioria dos governos para obter os lucros desejados, precisam de um povo fácil de manobrar, de ludibriar, e a filosofia não colabora para isso, portanto, é preferível deixar ela fora do currículo escolar. Provavelmente, pensando nisso,

Acordos assinados entre o MEC e seus órgãos e a Agência Norte Amárica para o desenvolvimento internacional (Usaid); esses acordos instituíram a assistência e a cooperação financeira para a organização do sistema educacional brasileiro, que deveria ajustar-se ao novo modelo de desenvolvimento econômico e a política do país. (CARTOLANO, apud ALVES, 1985, p.70).

Outro aspecto relevante, implícito em toda a história do Brasil, é a introdução da cultura estrangeira no país, tanto na indústria, no comércio, na moda, e principalmente na educação, a cultura estrangeira está impregnada desde a colonização do Brasil pelos portugueses. Segundo Alves

É assim que, sob a assessoria dos técnicos da Usaid, o MEC empreendeu as reformas educacionais “necessárias” para que se garantisse um desenvolvimento econômico sem *entraves*. Os técnicos dessa agência norte americana propuseram uma reformulação curricular dos diversos níveis de ensino escolar do Brasil, que deveriam se modernizar, mas, essa modernização implicava, segundo Cartolano, “a valorização das áreas tecnológicas, com predominância do treinamento específico, em detrimento da formação geral e da gradativa perda de *status* das humanidades e ciências sociais”. (ALVES, 2002, p.37).

O país foi colonizado por Europeus e parece que, desde lá, não se soube muito bem o que é ser brasileiro de fato, porque os brasileiros estão sempre

tentando seguir um padrão ou tendência europeia ou americana de viver; estão sempre importando métodos, tecnologias, e padrões europeus, deixando de valorizar o que há de bom dentro do seu próprio país, talvez por não se permitirem ser brasileiros de fato.

Além disso, esse modelo de exportação de ideias, tecnologia e cultura estrangeira contou também com a vinda de empresas multinacionais, que necessitando de mão de obra, influenciaram nas políticas educacionais.

Visando formar quadros, ou melhor, mão-de-obra barata para preencher as categorias ocupacionais das empresas em expansão, especialmente as multinacionais que aqui se instalaram, reorganizaram-se os currículos escolares segundo o modelo tecnicista, sobretudo os de nível secundário, com vistas a formar indivíduos executantes de ideias apropriadas do exterior, em vez de formar pesquisadores e pessoas criativas a partir da realidade nacional [...] nesse cenário a filosofia passou a ter cada vez menos importância, seja por não servir aos objetivos tecnicistas da reforma em andamento, ou porque não se coadunava também com os objetivos ideológicos, condensados na DSND¹. (ALVES, 2002, p. 37-8).

É mais fácil ter uma política educacional voltada ao trabalho braçal do que uma política voltada para o pensamento crítico. Formar intelectuais, pessoas dispostas a questionar as ações governamentais é conveniente para o governo que, na maioria das vezes, está desinteressado pelas demandas e opiniões da população. A educação filosófica não é bem vista por aqueles que querem comandar o país a seu modo e não ao modo que seja bom para todos. Portanto para alguns tipos de governos é melhor deixar a filosofia de fora do currículo escolar, pois ela forma pessoas pensantes e perigosa para além do meio escolar.

Além da questão legal, que por si só já inibia a tentativa de inclusão da filosofia no currículo, havia também uma diferença de *caráter*, demonstrando que a filosofia retirada do currículo não foi qualquer filosofia, mas uma filosofia muito bem delimitada. Quando a filosofia passou a constituir uma ameaça ao poder e à ordem vigente. (ALVES, 2002, p.39).

Isso tudo só aconteceu e ainda acontece porque a filosofia é uma disciplina capaz de fazer do aluno um adulto mais consciente, mais questionador em sua vida pessoal, profissional e como cidadão do mundo, portanto, o estudo da filosofia não se restringe ao meio escolar e sim para a vida como um todo.

¹ A sigla DSND significa: Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento.

Porém, será a Lei de Diretrizes e Bases, de agosto de 1971, lei n. 5.692, que reestruturou o ensino de 1º e 2º graus (antigos primário, ginásio e colégio), que desfechará o “golpe de misericórdia”, por assim dizer, contra a filosofia, definindo a sua ausência dos currículos escolares do nível secundário, até os finais do regime ditatorial no Brasil. Essa lei conferia uma nova estrutura para esse nível de ensino, fundando-o “em objetivos universais e criando a profissionalização compulsória no 2º grau” (ALVES, 2002, p.39/40, Apud CARTOLANO, 1985, p.75).

Depois desse período conturbado para a filosofia no ensino brasileiro houve, segundo Alves (2002) um “Período “Redemocratização” política pós- 1980: Presença Controlada”.

Após a promulgação da lei n. 5.692/71, que implicou a retirada da filosofia do currículo do ensino secundário, surgiram vários movimentos de protesto contra essa situação, reivindicando a reintrodução da filosofia no currículo. O ano de 1975 é tido como o marco inicial desses movimentos, quando, a partir de um encontro realizado no Rio de Janeiro com a presença de vários filósofos de vários estados, foi fundado o Centro de Atividades Filosóficas (SEAF), que conferiu um caráter mais articulado a esses movimentos (SILVEIRA, apud ALVES, 2002, p.42).

Apesar de todo o movimento contrário a retirada da filosofia dos currículos escolares por todo esse tempo, ainda hoje estamos discutindo as mesmas questões e sabe lá até quando ainda vamos discutir e lutar para que a filosofia continue a fazer parte do currículo escolar brasileiro, para formar cidadãos conscientes de seus deveres e obrigações, mas acima de tudo formar pessoas com liberdade de pensamento e com coragem de questionar a vida para além da escola.

De acordo com Alves, (2002)

Todavia, depois de muitos embates, reivindicações e protestos contra a política educacional dos governos militares, as posturas oficiais começaram a tornar-se mais flexíveis com relação à presença da filosofia no 2º grau, culminando com a reintrodução da disciplina nas escolas, em 1980, no Rio de Janeiro. Este acontecimento, no entanto, apenas indiretamente pode ser atribuído ao movimento pelo retorno da filosofia, uma vez que nenhum dos envolvidos diretamente nesta luta foi chamado pelo poder oficial para participar do processo decisório, ao contrário. Resultou disso a forma que a filosofia foi reintroduzida nas escolas não correspondeu, em muitos aspectos, àquilo que pretendiam as várias entidades representativas do movimento, especialmente a SEAF. Dentre os muitos problemas, destacaram-se a questão de permitirem que professores com formação em outras áreas lecionassem filosofia e as condições caóticas nas quais o ensino estava sendo ministrado “através de materiais absolutamente aterradores” (ALVES, 2002, P.45).

Uma das causas pela qual a filosofia não foi e ainda não é totalmente reconhecida pela população em geral, talvez seja o fato de ela ter sido e ainda ser

lecionada por profissionais não qualificados para isso. Esses profissionais acabam ensinando outra coisa com o nome de filosofia, não ensinando o conteúdo verdadeiramente filosófico, tão importante para a formação dos futuros cidadãos pensantes. Segundo Alves, a filosofia na educação básica

Como já mencionamos, segundo prescreve a lei n. 9.394/96, em seu art. 36, § 1º, inciso III, ao final do ensino médio o educando deve demonstrar, dentre outras coisas, “domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia necessários ao exercício da cidadania”.

Se “os conhecimentos de filosofia” são “necessários ao exercício da cidadania”, como indica a lei supracitada, então, a filosofia está com seu lugar garantido no currículo do ensino médio? À primeira vista parece que sim, mas, à medida que paramos para pensar nisto, percebemos que a coisa não é bem assim.

Primeiramente, a lei é muito genérica, vaga e imprecisa quanto a presença da filosofia nesse nível de ensino. Fala-se que os educadores devem demonstrar “domínio dos conhecimentos de filosofia”. Se para isso termos ou não a disciplina filosofia no currículo parece não importar muito. A julgar pela “letra” e o “espírito” da lei, além da filosofia continuar como *disciplina optativa* no ensino médio, o que em si já é motivo para muitas discussões, abriu-se o precedente, inédito, de que a presença da filosofia nesse nível de ensino não precisa se dar necessariamente na forma de uma disciplina. (ALVES, 2002, p.69).

É difícil entender o porquê de tanta ambiguidade na questão da filosofia e o currículo escolar; porque num determinado governo se diz que ela deve ficar no currículo escolar, em outro se diz que não deve estar no currículo, e quando é decidido que a filosofia faça parte do currículo existem ressalvas quando a sua aplicação. Uma hora a filosofia deve sair dos currículos e outra hora ela deve ficar, mas não ficar como disciplina obrigatória, e que também, não há a necessidade de ser um professor formado na área para lecionar a disciplina. E nesse vai e vem, quem perde é sempre os (as) Alunos que deixam de aprender com qualidade, já que a filosofia é a disciplina capaz de trazer para o homem o conhecimento através da reflexão, mas isso só é possível com a ajuda de um professor formado em filosofia, que vai orientar nas suas buscas cotidianas, vai ensina-lo a observar e experimentar algo e mediante essa observação e experimentação, formular suas ideias, utilizando a razão. Sendo através desses conhecimentos filosóficos, o ser humano é capaz de enfrentar a realidade como ela é e de forma mais crítica, consciente, e sem ser influenciado por ninguém. Segundo Dewey, “toda a aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida, onde o que for

aprendido tenha o mesmo lugar e função que tem na vida”. (DEWEY,1980, p.130). Para ele a educação é vida e sendo assim, é preciso ser bem vivida.

Dessa forma é possível entender porque a maioria dos alunos não gostam das aulas de filosofia, pois, na maioria das vezes quem está dando as aulas não são professores da matéria, como podem dar o conteúdo certo e da forma certa para atrair a atenção dos alunos. Talvez seja esse o problema, porque, quando as pessoas de alguma maneira têm contato com a verdadeira filosofia, logo se apaixonam pelo conteúdo que ela traz e querem aprender cada e mais sobre filosofia.

De acordo com a citação anterior, o domínio dos conhecimentos de filosofia e de sociologia são necessários ao exercício da cidadania, portanto, segundo Alves

Se a filosofia é uma das mediações no processo de ensino e aprendizagem do educando do ensino médio, é preciso então ela estar implícita no currículo, e o tratamento interdisciplinar e contextualizado na área, tal como é compreendido e proposto nos Parâmetros Curriculares pelo MEC , é insuficiente para isso, pois não é de qualquer forma que se tem um acesso satisfatório, substancial, aos conhecimentos de filosofia: seu aprendizado demanda um método próprio de ensino, que o senso comum não da conta de abarcar. Portanto, se é considerado necessário que os educandos demonstrem domínio dos conhecimentos de filosofia ao final da educação básica (lei n. 9.394/96, art.36,§ 1º, inciso III), então, o mínimo que se espera que se ofereça a oportunidade de eles terem um acesso adequado a esses conhecimentos, caso contrário, a filosofia aparecerá na educação secundária mais a título de um adorno, adereço, não constituindo parte essencial deste nível de ensino. (ALVES, 2002, p. 104/105).

Apesar de ter falando do percurso da filosofia até 2002, é muito pertinente lembrar que ainda hoje, temos muitas coisas para mudar até a filosofia alcançar seu merecido lugar de destaque. E um trecho do livro do Alves nos faz ver o quanto é presente a mesma discussão.

É imprescindível, portanto, corrigir as ambiguidades e contradições na lei que contempla na “letra” a presença da filosofia no ensino médio, mas inviabiliza na “prática” sua presença real e substantiva, devido à existência de uma ambiguidade, em seus termos, quanto a forma como a filosofia deverá ser introduzida no ensino médio, se como disciplina específica ou diluída nas outras disciplinas como tema transversal, projetos etc., ou outra forma qualquer. Neste caso, conforme já mencionamos, deve-se prever um espaço específico de aula para a filosofia, com carga horária própria e profissionais habilitados em filosofia, como forma de garantir que esse espaço de fato exista nas escolas e não apenas no discurso oficial do governo federal e nos documentos elaborados pelo MEC. (ALVES, 2002, p.106).

Durante todos esses anos foram discutidos se a filosofia deveria fazer parte ou não do currículo escolar brasileiro, sendo que até 2009, a lei que validava o ensino da filosofia no currículo escolar era a Lei de nº 9.394/96, da qual a seguir salientamos os principais pontos.

A Lei nº 9.394/96 dispõe:

Art. 36. O currículo do ensino médio observará o disposto na Seção I deste Capítulo e as seguintes diretrizes:

(...)

§ 1º Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre

(...)

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

A Lei nº 11.684/08 altera o art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio.

A Câmara de Educação Básica aprovou parecer e resolução que tratam da inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio:

Parecer CNE/CEB nº 38/2006, aprovado em 7 de julho de 2006

Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio.

Resolução CNE/CEB nº 4, de 16 de agosto de 2006

Altera o artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Parecer CNE/CEB nº 22/2008, aprovado em 8 de outubro de 2008

Consulta sobre a implementação das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio.

Resolução CNE/CEB nº 1, de 18 de maio de 2009

Dispõe sobre a implementação da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, a partir da edição da Lei nº 11.684/2008, que alterou a Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Mas, não parou por aí. Atualmente, com a troca de governo, novamente se discute o currículo escolar brasileiro e outra vez a filosofia é posta como disciplina obrigatória, mas não se especifica como será ministrada, nem em que ano do ensino médio ela será aplicada, se nos três anos, ou em apenas um dos três anos do ensino médio, ficando simplesmente ignorado o assunto.

Art. 3o A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A:

“Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

I - linguagens e suas tecnologias;

II - matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias;

IV - ciências humanas e sociais aplicadas.

§ 1o A parte diversificada dos currículos de que trata o caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural.

§ 2o A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia. (LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017).

Quando algum tema entra em debate a cada troca de governo, precisamos ficar em alerta, pois é sinal que este tema pode mexer com as estruturas do governo; nenhum governo se incomoda com temas insignificantes, portanto antes de dizer que a filosofia não serve pra nada, é melhor pensar bem, pois se não servisse mesmo, o governo não se ocuparia tanto com dela. A filosofia é a matéria que dá subsídios aos seres humanos para pensar e questionar sobre as atitudes governamentais, e sendo assim, tem o poder de debater com outras pessoas, incentivando elas a fazer o mesmo, tornando mais difícil até mesmo a reeleição deles, por isso os governos em geral preferem não manter a filosofia como matéria obrigatória no currículo escolar brasileiro para não correrem o risco de perderem o poder e o próximo mandato.

CONCLUSÃO

Em virtude do que foi mencionado até aqui percebe-se que John Dewey conhecia bem a realidade e as dificuldades que a educação sofreu e sofre ao longo dos anos. Mesmo com sua luta incansável Dewey conseguiu realizar apenas parcialmente os avanços desejados da sua educação pragmática. Mas que, apesar disso conseguiu difundir através de outros pensadores suas ideias de formar uma Escola Nova, na qual ele idealizava que a vida deveria estar intimamente ligada com a sociedade, os meios com os fins e a teoria com a prática. De acordo com os questionários respondidos pelos pibidianos pode se perceber que, a teoria e prática andam de mãos dadas, pois toda essa ideia de Dewey de unir a teoria com a prática pode ser percebido nos estudos a respeito do PIBID, pois através do programa é possível conciliar a teoria aprendido na universidade com a prática de ser professor. Segundo os relatos apresentados indicam que o programa contribui para essa conciliação. As experiências e as atividades propostas pelo programa proporcionam a construção e o fortalecimento dos conhecimentos e das práticas pedagógicas, o desenvolvimento de habilidades e aprendizagem de saberes, envolvendo sujeitos e sociedade num aprendizado prático.

Através da pesquisa nota-se que Dewey conseguiu por meio de educadores como Anísio Teixeira difundir suas ideias sobre a nova educação no Brasil, especialmente a educação filosófica que teve e ainda têm uma grande luta para se manter nos currículos escolares. Dado que a educação da filosofia no Brasil desde a colonização sempre esteve numa luta desigual com outras disciplinas; mesmo quando a filosofia era aceita nos currículos escolares brasileiros havia sempre restrições para aplica-la na prática. Inclusive hoje a filosofia ainda não é ministrada como Dewey desejava, pelo contrário, ainda hoje se discute qual a sua importância na formação educacional.

Apesar de ser muitos os desafios dos novos professores, é indispensável que os mesmos continuem a lutar para manter a filosofia nos currículos escolares e a buscar novas fórmulas de ensinar a filosofia para agregar conhecimentos visando o futuro dos estudantes, pois o ensino da filosofia nas escolas não deve de forma alguma ser extinto. Além disso, podemos afirmar que a filosofia é, com toda a certeza de vital importância para a formação educacional competente para tornar a

juventude atual mais pensante, atuantes e presente nas discussões envolvendo o futuro do país, sendo assim capazes de buscar sempre um conhecimento que os levem a lutar por igualdade de direitos e por uma sociedade mais justa.

Por outro lado, percebe-se também, que ainda existe muitos desafios pela frente e muito a se fazer em defesa da boa educação; uma boa forma de se conseguir isso é manter os incentivos para a formação de professores através dos meios acessíveis para a formação superior, como as bolsas em universidades públicas e privadas e bolsas de iniciações científicas e à docência assim, como o PIBIB, porque através deste programa será possível unir dois grupos de professores; o novos e os mais antigos, visando um novo modo de educar para a vida. Pois, através do PIBID é possível ter o convívio direto com todos os atores envolvidos no processo educacional o que ajuda a compreender a dinâmica do trabalho da escola e a sua organização, ajuda a refletir sobre a profissão, sobre o relacionamento com os alunos e demais funcionários. O contato com a profissão proporciona reflexões sobre ela, permitindo uma visão mais clara da sua rotina, com seus desafios. A experiência profissional proporcionada pela prática do PIBID contribui para o fortalecimento dos conhecimentos profissionais dos futuros professores. Assim, é possível ensinar a filosofia como forma de conhecimentos para além da escola. Sendo assim, no futuro quando alguém decidir estudar filosofia, não ouvirá mais a frase, por que Filosofia, nem haverá tanto descaso com a mesma e principalmente não haverá mais discussões se a filosofia deve ou não fazer parte do currículo escolar brasileiro. Porque o interesse da escola será favorecer o crescimento intelectual dos alunos. Deseja-se que no futuro a filosofia seja vista tão importante como a maioria das disciplinas, dado que é de vital importância para a formação intelectual dos estudantes visando a construção de novos rumos para a vida social humana. Principalmente porque ainda hoje, está em discussão a questão da filosofia e o currículo escolar brasileiro. No entanto, acredita-se que até para os mais leigos já é perceptível que se trata de algo importante, pois sendo diferente não haveria tamanho envolvimento dos governos em discutir sobre o assunto. Portanto, pensar que a Filosofia não serve para nada, é um grande erro que ainda precisa ser corrigido.

A conclusão que se chega é, que, apesar da luta dos estudiosos para provar a importância da filosofia para a educação, ainda há muito que se fazer e que não é

possível desistir dela. Pois a Filosofia é o combustível intelectual necessário para educação da futura geração.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio**: ambiguidades e contradição na LDB/Dalton José Alves. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção educação contemporânea).

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O Professor de filosofia: O Ensino de Filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

BRASIL. Lei nº 9.394/1996. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília/DF, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf>>. Acesso em: 20. 06. 2015 e 05.05.2017

BRASIL. **Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. Brasília/DF, 2010.

BRASIL. **Lei nº 11.273, de 6 de fevereiro de 2006**. Autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica. Brasília/DF, 2006.

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para a educação do século XXI. **Revista de Educação**, v. XVIII, n. 1, 2011. Disponível em:<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/14854/1/Revista_Educa%C3%A7%C3%A3o_VolXVIII,n%C2%BA1_5-22.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.

DEWEY, John, **Reconstrução em filosofia**. Nova tradução de Antônio Pinto de Carvalho, revista por Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: Campanha Editora Nacional, 1959.

DEWEY, John, 1859-1952. **Experiência e Educação**. Tradução de Anísio Teixeira. 2 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

DEWEY, John, **Democracia e educação**. 3 ed. São Paulo: Campanha editora Nacional 1959.

DEWEY, John. **Como pensamos**. Tradução de Godofredo Rangel. São Paulo: Nacional, 1ª ed. 1933.

DEWEY, John. **Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; a arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral/** John Dewey; traduções de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio S. Teixeira, Leônidas Gontijo de carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980a.

DEWEY, John. **Vida e educação**. In: **Os Pensadores**, São Paulo: Abril Cultural, 1980b.

DEWEY, John, **Sua Contribuição para a Tradição Americana**: Tradução Stella. C.L. Tostes. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A, 1960.

DEWEY, John, **Vision e Influencia de um Pedagogo**: Compiladores, Douglas E. Lawson e Arthur E. Lean. Buenos Aires: Editorial Nova, 1966.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 46 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GUARESCHI, Pedrinho Alcides, 1940- **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. 37 ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1996.

PINTO, Aparecida Marcianinha. **As novas tecnologias e a educação** DFE/UEM/CRC. [S.l., 2018?]. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Poster/Poster/04_53_48_AS_NOVAS_TECNOLOGIAS_E_A_EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.

PITOMBO, Maria Isabel Morais. **Conhecimento Valor e educação em John Dewey**. São Paulo: Pioneira, 1974.

REALE. G. **História da Filosofia 6**: de Nietzsche a Escola de Frankfurt. São Paulo: Paus, 2006.

ROSA, Kaciana Silveira; MATTOS, Laércio. Tem gente nova na escola: os benefícios do Pibid para o espaço escolar. **Revista Veras**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 160-173, julho/dezembro, 2013.

SOUZA, Rodrigo Augusto; MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico. Considerações históricas sobre a influência de John Dewey no pensamento pedagógico brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.35, p. 160-162, set. 2009.

<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid/> acesso em 09/02/2018

ANEXOS

1-- Qual semestre está cursando?

4 semestres

2- Qual a importância do PIBID na sua formação acadêmica?

Familiarização com o dia a dia na escola, convívio com alunos, oportunidade de participar do conteúdo formativo das aulas e conhecer as atividades burocráticas do docente.

3- Quais suas perspectivas futuras na área?

Poder fazer a diferença na relação docente/discente, levando comigo o conteúdo da experiência como pibidiana para a sala de aula.

4- A realidade do ambiente escolar está sendo proveitosa? Por que?

Muito proveitosa, pois entendo que esta é uma oportunidade única de juntar teoria e prática.

5- O que você tem feito para o crescimento da escola onde você atua como aluno (a) do PIBID?

Espero estar colaborando para o desenvolvimento cultural dos alunos.

1- Quanto tempo participou ou participa do PIBID?

3 anos.

2- Qual semestre está cursando?

Sétimo semestre.

3- Qual a importância do PIBID na sua formação acadêmica?

1- Oportunidade de vivenciar a realidade da sala de aula antes de concluir o curso.

2- Aprendizado prático com orientação e supervisão contínua.

3- Proporciona maior segurança para exercer a profissão.

4- Que experiências o PIBID está proporcionando para sua formação como professor (a)?

1- Projetos em grupo.

2- Possibilidade de praticar técnicas pedagógicas.

3- Contato direto com alunos e corpo docente da escola.

4- Gestão de conflitos com orientação de professores experientes.

5- Quais suas perspectivas futuras na área?

1- Exercer a profissão da melhor maneira possível.

2- Buscar sempre aperfeiçoamento.

3- Colocar em prática o aprendizado na área pedagógica.

6- A realidade do ambiente escolar está sendo proveitosa? Por que?

1- O formato educacional vigente não proporciona ao aluno um aprendizado efetivo.

2- O excesso de carga horária dos professores impede que se faça uma aula realmente proveitosa.

3- A forma com que as aulas são dispostas nos currículos não é equilibrada.

7- O que você tem feito para o crescimento da escola onde você atua como aluno (a) do PIBID?

1- Auxílio aos professores.

2- Projetos para melhorar o aprendizado dos alunos.

Quanto tempo participou ou participa do PIBID?

Participei durante quatro anos.

Qual semestre está cursando?

Estou cursando o sétimo semestre de filosofia.

1- Qual a importância do PIBID na sua formação acadêmica?

1. Experiência com outras pessoas.

2. Troca de conhecimentos com outros colegas.

3. O aprendizado adquirido na universidade foi aprimorado no pibid.

2- Que experiências o PIBID está proporcionando para sua formação como professor (a)?

1. O relacionamento com outros professores na escola foi fundamental para a formação docente.

2. Troca de experiência com outros colegas pibidianos enriqueceu a formação.

3- Quais suas perspectivas futuras na área?

1. Espero poder lecionar e exercer da melhor maneira a profissão de professor de filosofia para ensinar sabedoria e lições de vida para os estudantes.

4- A realidade do ambiente escolar está sendo proveitosa? Por que?

1. A presença que tive na sala dos professores me possibilitou conhecer os professores da escola. Pude ouvir seus momentos de alegrias, suas queixas, os problemas que acontecem no ambiente escolar.

5- O que você tem feito para o crescimento da escola onde você atua como aluno (a) do PIBID?

1. Participei dos projetos que envolveram a escola.

1- Quanto tempo participou ou participa do PIBID?

6 Meses

2- Qual semestre está cursando?

Terceiro

3- Qual a importância do PIBID na sua formação acadêmica?

Realizar experiências que proporcionam maior desenvolvimento para a formação de docente.

4- Que experiências o PIBID está proporcionando para sua formação como professor (a)?

Compreender como funciona no ambiente escolar: a relação professor-aluno, como se constrói um plano de aula e qual melhor maneira de aplicá-lo.

5- Quais suas perspectivas futuras na área?

Procuro ver sempre de forma positiva, de forma a contribuir para uma aprendizagem de qualidade.

6- A realidade do ambiente escolar está sendo proveitosa? Por que?

Sim, com certeza. Porque a partir do momento que estou envolvido na realidade escolar, consigo observar progressos e retrocessos acerca da aprendizagem, podendo assim desenvolver um trabalho com mais eficiência.

7- O que você tem feito para o crescimento da escola onde você atua como aluno (a) do PIBID?

Procuro contribuir com os projetos desenvolvidos pelo grupo, onde o ponto principal é a aprendizagem dos alunos.

Nome: Luís Miguel

1- Quanto tempo participou ou participa do PIBID?

Pouco mais de um ano

2- Qual a importância do PIBID na sua formação acadêmica?

O PIBID tem papel de destaque na formação acadêmica do docente, uma vez que o coloca dentro da rotina do ser professor, tornando-o familiarizado com todo o processo burocrático da profissão. Dá-nos também a possibilidade de vivenciar a prática profissional antes mesmo do estágio obrigatório, o que, claro, nos enriquece ainda mais.

3- Que experiências o PIBID está proporcionando para sua formação como professor (a)?

O PIBID tem me permitido observar, desenvolver e melhorar habilidades do ser professor, deixando-me habituado com todas as faces da profissão. Desenvolvo também habilidades retóricas que muito me ajudam a enfrentar o fator timidez.

4- Quais suas perspectivas futuras na área?

Bom, não tenho grandes perspectivas para a área da educação, embora tenhamos projetos excelentes de incentivo à docência (PIBID por exemplo) e os descontos mensais das bolsas licenciatura (exclusividade da Unisinos – penso eu), à docência ainda é vista com descaso por aqueles que realmente podem fazer alguma coisa. Somos ludibriados todos os dias com discursos fajutas e utópicos de que a coisa vai melhorar, mas a realidade, podemos afirmar, é que não irá melhorar tão logo e, também, muito menos se manterá a mesma. E, certamente, cada um de nós, professores e futuros professores, fazerem sua parte não resolverá absolutamente nada, uma vez que, ensinar e educar não são as faces únicas do ser professor e do educar/ensinar.

5- A realidade do ambiente escolar está sendo proveitosa? Por que?

No Brasil sabemos que não, mas na escola que participo do projeto PIBID afirmo com toda a certeza que está sim, uma vez que temos um amplo espaço que podemos utilizar mediante a solicitações (burocráticas) que fazem partes das normas da instituição. Gosto do ambiente escolar, pois, me permite desenvolver os projetos coletivos e individuais do PIBID com certa facilidade, nos fornecendo uma boa estrutura para convívio e troca de conhecimento.

6. O que você tem feito para o crescimento da escola onde você atua como aluno (a) do PIBID?

Essa questão é um paradigma muito grande. Primeiro, não cabe a mim enquanto PIBIDIANO tentar melhorar a escola (no quesito físico), mas faço o possível para me envolver nos setores humanos e fazer o necessário para o

melhoramento do mesmo. Procuo agir sempre de maneira objetiva, expondo minhas visões sobre os mais variados assuntos. Nos projetos com os alunos, sempre busco o desenvolvimento argumentativo. Então, para o melhoramento na formação do discente e no material humano da instituição, penso que posso colaborar, agora no que tange ao físico, creio que não cabe a mim. Obviamente prezo pela conservação do que temos.